

LEONTOLSTOI

A MORTE DE  
IVANILITCH

No prédio do Tribunal, durante um intervalo do julgamento do caso Melvinsky, os membros da Corte e o promotor reuniram-se no gabinete de Ivan Yegorovich Shebek e a conversa recaiu sobre o famoso caso Krasovsky. Fiodr Vassilyevich insistia em que o caso não estava sob sua jurisdição, Ivan Yegorovich argumentava o contrário, enquanto Piotr Ivanovich, como não estava na discussão desde o início, não tomava o partido de ninguém, mas passava os olhos pelo *Gazette*, que tinham acabado de entregar.

– Senhores – exclamou. – Morreu Ivan Ilitch.

– Não é possível!

– Está aqui. Pode ler – disse Piotr Ivanovich, passando o jornal que ainda cheirava a tinta a Fiodr Vassilyevich.

Cercadas por uma borda preta, liam-se as seguintes palavras:

É com profundo pesar que Praskóvya Fiodorovna participa a amigos e parentes a passagem de seu estimado esposo, Ivan Ilitch Golovin, membro da Corte Suprema, que deixou esta vida no dia 04 de fevereiro do ano da graça de 1882. O enterro acontecerá na sexta-feira, à uma hora da tarde.

Ivan Ilitch havia sido colega deles e era muito querido por todos. Sabia-se que sofrera em cima de uma cama, meses a fio, com uma doença diagnosticada como incurável. Seu posto ficara em aberto, mas corria que, no caso de sua morte, provavelmente Alexeyev seria nomeado seu sucessor e Vinnikov ou Shtabel ocupariam o lugar de Alexeyev. De modo que, ao ouvirem a notícia da morte de Ivan Ilitch, a primeira coisa que lhes passou pela cabeça foi o possível efeito na rodada de transferências e promoções para eles ou seus companheiros.

“Tenho certeza de que agora eu pego o lugar de Shtabel, ou de Vinniko!”, pensou Fiodr Vassilyevich. “Já me prometeram há horas e essa promoção significa um salário de oitocentos rublos por ano, mais ajuda de custo.”

“Vou tentar conseguir a transferência de Kalugo para o meu cunhado!”, pensou Piotr Ivanovich. “Minha mulher vai adorar e não vai poder dizer que eu nunca faço nada pelos parentes dela!”

– Bem que eu achei, o tempo todo, que ele não ia mais sair daquela cama – disse Piotr, em voz alta. – Que coisa triste.

– O que era mesmo que ele tinha?

– Os médicos não conseguiram chegar a uma conclusão, ou pelo menos não à mesma conclusão. A última vez em que o vi me pareceu que estava melhorando.

– E eu que nunca mais apareci, desde as férias. Pensei em ir várias vezes.

– Ele tinha bens?

– Acho que sua esposa tem alguma coisa. Mas não muita.

– Bem, acho que devemos ir até lá vê-la. Eles moram um bocado longe!

– Você quer dizer um bocado longe de você. Qualquer lugar é longe da sua casa!

– Ouviram essa? Ele não me perdoa por viver do outro lado do rio! – disse Piotr Ivanovich, sorrindo, para Shebek. E voltaram para o Tribunal comentando animadamente sobre as distâncias

de um e de outro lado da cidade.

Além das elucubrações sobre possíveis transferências e mudanças no departamento, resultantes da morte de Ivan Ilitch, a simples idéia da morte de um companheiro tão próximo fazia surgir naqueles que ouviram a notícia aquele tipo de sentimento de alívio ao pensar que “foi ele quem morreu e não eu”.

“Agora era ele quem tinha de morrer. Comigo vai ser diferente – eu estou vivo”, pensava cada um deles, enquanto as pessoas mais próximas, os assim chamados amigos, lembravam que agora teriam de cumprir todos aqueles cansativos rituais que exigiam as normas de bom comportamento, assistindo ao funeral e fazendo uma visita de condolências para a viúva.

Fiodr Vassilyevich e Piotr Ivanovich tinham sido seus amigos mais próximos. Piotr Ivanovich fora seu colega na Escola de Direito e lhe devia obrigações.

Em casa, depois de contar para a esposa sobre a morte de Ivan Ilitch, e sua esperança de que talvez conseguisse a transferência de seu cunhado, Piotr Ivanovich abriu mão de sua sesta habitual, vestiu o casaco e saiu.

Do lado de fora da casa de Ivan Ilitch havia uma carruagem e dois trenós de aluguel. Encostado na parede do hall, ao lado do porta-chapéus, via-se a tampa de um caixão coberta por um manto em cujas franjas haviam acabado de borrifar um pó dourado. Havia duas mulheres de preto recolhendo os casacos, e uma delas, a irmã de Ivan Ilitch, Piotr Ivanovich já conhecia, mas a outra era-lhe totalmente estranha.

Seu colega Schwartz já estava descendo, mas ao ver Piotr Ivanovich parou no topo da escada e deu uma piscada, como quem diz: “Veja só que confusão foi arrumar nosso amigo Ivan Ilitch – tão diferente de nós!”.

O rosto de Schwartz, com aquelas costeletas, sua figura esguia naquele casaco, tinham como sempre, um ar elegante e solene que contrastava com sua natureza jovial, mas que nessa situação parecia a Piotr Ivanovich adquirir um tempero todo especial.

Piotr Ivanovich deixou que as duas mulheres passassem e as seguiu. Schwartz não fez menção de descer e Piotr Ivanovich sabia por quê: certamente queria combinar o local do *whist* naquela noite. As mulheres subiram para falar com a viúva, enquanto Schwartz, com os lábios cerrados, mas um olhar malicioso, indicava a Piotr Ivanovich o quarto à direita onde estava o corpo. Piotr Ivanovich entrou, em dúvida, como as pessoas sempre se sentem nessas ocasiões, quanto à melhor atitude a tomar ali dentro. A única coisa que lhe ocorria era que fazer o sinal-da-cruz nunca vinha mal nessas horas. Mas como não tinha certeza se era necessário curvar-se ou não, optou por um meio-termo: ao entrar no quarto, começou o sinal-da-cruz e fez um movimento que lembrava vagamente uma inclinação; ao mesmo tempo, tanto quanto o permitiram os movimentos de mão e de cabeça, deu uma checada no ambiente em volta. Dois rapazes, um deles estudante, que deviam ser sobrinhos, vinham saindo do quarto fazendo o sinal-da-cruz e ele aproveitou e fez o mesmo. Uma senhora de idade estava parada, enquanto uma outra com as sobrancelhas arqueadas cochichava-lhe alguma coisa. Um membro da igreja lia em voz alta, com sinceridade e determinação e uma expressão que não admitia discordâncias. Gerassim, o criado, caminhando com seu passo suave em frente a Piotr Ivanovich, espalhava alguma coisa pelo chão. Ao ver isso, Piotr Ivanovich sentiu imediatamente um cheiro de corpo em decomposição. Na sua última visita a Ivan Ilitch, Piotr Ivanovich vira Gerassim no quarto, fazendo as vezes de enfermeiro, e percebia-se que Ivan Ilitch gostava muito dele.

Piotr Ivanovich continuou fazendo o sinal-da-cruz e inclinando a cabeça numa direção intermediária entre o caixão, o orador e as imagens sobre a mesa do canto. Em seguida, quando achava que o sinal da cruz já havia durado tempo suficiente, parava e punha-se a olhar para o defunto.

O morto jazia, como os mortos sempre jazem, pesadamente, seus membros endurecidos afundados dentro do caixão, a cabeça recostada eternamente no travesseiro, sua testa de cera amarelada, com sulcos acima das têmporas afundadas, sobressaía-se, como acontece nos mortos, e o nariz proeminente parecia pressionar fortemente o lábio superior. Estava bastante diferente e ainda mais magro do que da última vez que o vira, mas, como sempre acontece com os mortos, o rosto estava mais bonito e principalmente mais expressivo do que quando vivo. A expressão do rosto parecia dizer que tudo o que podia ter sido feito fora feito e da melhor maneira possível. Havia também reprovação nessa expressão e uma espécie de advertência para os vivos, advertência esta que parecia completamente sem propósito para Piotr Ivanovich, ou, pelo menos, não ser dirigida a ele. Teve uma sensação desagradável e, mais do que depressa, fez outro sinal-da-cruz e, ainda que lhe parecesse depressa demais e incompatível com a ocasião, virou as costas e saiu. Schwartz o esperava de pé no corredor, com as pernas afastadas e as duas mãos mexendo no chapéu às suas costas. A simples visão daquela figura leve e jovial reanimou Piotr Ivanovich. Sentia que Schwartz estava acima desse tipo de acontecimento, que jamais se deixaria dominar por qualquer ambiente depressivo. Seu olhar dizia que o mero incidente de um velório para Ivan Ilitch não poderia, em hipótese alguma, constituir motivo suficiente para interromper o curso natural das coisas – em outras palavras, nada poderia interferir no desembulhar e cortar de um novo pacote de cartas naquela mesma noite. Na verdade, não havia razão alguma para supor que este simples contratempo os impediria de passar uma noite tão agradável quanto as outras.

– Absolutamente – cochichou Schwartz para Piotr Ivanovich que passava, propondo que se encontrassem para um joguinho na casa de Fiodr Vassilyevich.

Mas pelo jeito não era o destino de Piotr Ivanovich jogar naquela noite. Praskovya Fiodorovna, uma mulher de estatura baixa, gorda, que apesar de todos os esforços em contrário continuara a alargar resolutamente dos ombros para baixo, toda de preto, com um véu cobrindo-lhe a cabeça, as sobrancelhas tão arqueadas quanto as da mulher ao lado do caixão, saiu do seu quarto com outras senhoras e, conduzindo-as até a porta do quarto onde estava o morto, falou: “A cerimônia já vai começar. Entrem, por favor”.

Schwartz, inclinando-se levemente, lembrou de onde estava, sem obviamente aceitar ou declinar do convite. Praskovya, reconhecendo Piotr Ivanovich, suspirou, aproximou-se dele, pegou sua mão e falou: “Eu sei o quanto vocês eram amigos...!” e fixou-o esperando uma resposta adequada ao que acabava de dizer. Piotr Ivanovich sabia que, assim como minutos antes, naquela mesma sala, adequado era se benzer, agora fazia-se necessário apertar a mão da viúva, suspirar e dizer: “Sim, é verdade!”. E foi o que fez, sentindo que alcançava o resultado esperado: ambos estavam comovidos.

– Venha – disse a viúva. – Eles ainda não começaram. Preciso falar com você. Me dê o braço.

Piotr Ivanovich ofereceu-lhe seu braço e saíram em direção a um apartamento interno passando por Schwartz, que piscou solidário. “Tudo acertado para o nosso jogo. Não reclame se

arrumarmos outro parceiro. Talvez você possa se juntar a nós quando conseguir escapar!”, dizia seu olhar provocador.

Piotr Ivanovich deu um suspiro ainda mais profundo e desalentado e Praskovya Fiodorovna apertou seu braço em sinal de gratidão. Assim que chegaram ao quarto dela, todo forrado em cretone cor-de-rosa e fracamente iluminado sentaram, ela em um sofá e Piotr Ivanovich em um pufe baixo, com as molas quebradas, que volta e meia afundava sob seu peso. Praskovya Fiodorovna esteve a ponto de avisá-lo que pegasse outra cadeira, mas sentiu que uma observação como essa destoaria de toda a atmosfera criada pela situação e mudou de idéia. Logo que sentou no pufe, Piotr Ivanovich começou a lembrar de Ivan Ilitch decorando aquele quarto e consultando-o exatamente sobre este cretone cor-de-rosa com folhas verdes. O quarto estava repleto de móveis e objetos e, enquanto se encaminhava para o sofá, a viúva prendeu a ponta do manto na quina da mesa, toda trabalhada. Piotr Ivanovich levantava-se para desprendê-lo quando o pufe, livre de seu peso, inflou novamente e o fez saltar. A viúva tentou ela própria desprender o laço e Piotr Ivanovich sentou outra vez, abafando as molas rebeldes sob seu corpo. Mas Praskovya Fiodorovna ainda não havia conseguido se libertar e, mais uma vez, Piotr Ivanovich levantou, e, mais uma vez, o pufe se rebelou e saltou, com estrondo. Ao final de tudo isso, Praskovya tirou um lenço limpo de cambraia e começou a chorar. Mas o episódio com o laço e toda a batalha com o pufe haviam esgotado Piotr Ivanovich e ele sentou-se, sem forças. Essa estranha situação foi interrompida por Sikolov, o mordomo de Ivan Ilitch, que entrava para dizer que a cova que Praskovya havia escolhido custaria duzentos rublos. Ela parou de chorar e, olhando Piotr Ivanovich com ar de vítima, queixou-se em francês sobre como tudo isso era terrível para ela. Piotr Ivanovich fez um gesto em silêncio, que queria dizer que, sem dúvida alguma, ele acreditava que certamente deveria ser.

Com uma voz ao mesmo tempo magnânima e desconsolada, Praskovya começou a discutir com o mordomo a questão do preço da cova.

Piotr Ivanovich acendeu um cigarro e pôs-se a ouvir interessadamente, perguntando preços de diferentes covas, e finalmente decidiram por qual optar. Assim que terminaram, ela deu instruções ao mordomo para que se juntasse ao corpo e ele saiu.

– Sou eu quem tem de decidir tudo sozinha – disse ela, pondo de lado os álbuns que estavam em cima da mesa e, notando que a cinza do cigarro dele em breve cairia em cima desta, imediatamente alcançou-lhe um cinzeiro dizendo: – Seria hipocrisia minha fingir que o sofrimento me impede de dar atenção aos assuntos práticos. Ao contrário, se fosse possível não digo me consolar, mas me distrair, seria cuidando dos objetos que me fazem lembrar dele! – E pegou seu lenço outra vez, preparando-se para chorar, mas, de repente, como quem luta com seus sentimentos, se recompôs e começou a falar calmamente: – Sabe, tem uma coisa que eu gostaria de conversar com você.

Piotr Ivanovich inclinou-se, tentando não perder o controle das molas do pufe, que começou imediatamente a vibrar.

– Seus últimos dias foram terríveis, ela disse.

– Ele sofreu muito?

– Sim, horrivelmente. No final ele gritava, já não era por minutos, mas horas a fio. Gritou durante três dias e três noites sem parar. Era insuportável. Não sei como eu consegui agüentar, podia se ouvir três quartos adiante. Ah, você não imagina o que eu passei.

– Ele estava lúcido o tempo todo?

– Sim – ela sussurrou. – Até o final. Despediu-se de nós quinze minutos antes de morrer e até pediu que levássemos Volodya dali.

A idéia do sofrimento do homem que ele havia conhecido tão intimamente, primeiro como uma criança irresponsável, depois como o jovem estudante e, mais tarde, já adulto, como parceiro de jogo, encheu Piotr Ivanovich de horror, apesar da desagradável consciência do quanto ele e aquela mulher estavam sendo hipócritas. Visualizou outra vez aquela testa e o nariz pressionando o lábio e essa visão encheu-lhe de um sentimento de pavor em relação a si próprio. “Três dias e três noites de sofrimentos terríveis e depois a morte. Ora, isso pode acontecer comigo, de uma hora para outra”, pensou aterrorizado. Mas, imediatamente, sem que ele soubesse explicar, veio em seu auxílio a velha idéia de que isso havia acontecido a Ivan Ilitch e não a ele, de que isso não iria e nem poderia acontecer a ele e que o fato de pensar que algo assim pudesse lhe acontecer só significava que estava se deixando levar por pensamentos depressivos, o que era um erro, como bem demonstrava a expressão no rosto de Schwartz. Piotr Ivanovich animou-se outra vez e passou a perguntar interessadamente sobre os detalhes da morte de Ivan Ilitch, como se a morte fosse uma fatalidade à qual somente Ivan Ilitch estivesse sujeito e ele não.

Depois de descrever os terríveis sofrimentos físicos por que passara Ivan Ilitch (cujos detalhes Piotr Ivanovich só soube através do efeito que esses tinham nos nervos de Praskovya), a viúva achou que já estava mais do que na hora de tratar de negócios.

– Ah, Piotr Ivanovich, que sofrimento, isso tudo... Que terrível sofrimento... – e caiu em prantos novamente.

Piotr Ivanovich suspirou e esperou que ela assoasse o nariz. Assim que ela terminou, ele conseguiu dizer: “Acredite-me...”, e, mais uma vez ela começou a falar, chegando no ponto que era, evidentemente, o que lhe interessava: perguntar como poderia conseguir algum dinheiro do governo por ocasião da morte de seu marido. Ela, na verdade, quis dar a impressão de estar pedindo a Piotr Ivanovich conselhos sobre a sua pensão, mas ele logo percebeu que sobre isso ela já sabia tudo que precisava saber, talvez até mais do que ele. Sabia exatamente quanto tinha direito de receber do governo em consequência da morte do marido, mas queria descobrir se não haveria possibilidade de extorquir um pouquinho mais. Piotr Ivanovich até tentou pensar em alguma sugestão, mas, depois de ponderar um instante, optou por, em sinal de delicadeza, criticar o governo por sua atitude mesquinha, mas dizer que lhe parecia não haver nada a fazer. Depois disso, Praskovya suspirou e pôs-se resolutamente a procurar um meio de se libertar de seu visitante. Ao percebê-lo, ele apagou o cigarro, levantou, apertou a mão da viúva e entrou na antesala.

Na sala de jantar onde ficava o relógio que Ivan Ilitch comprara em um antiquário, e do qual gostava tanto, Piotr Ivanovich encontrou o padre e alguns conhecidos que vieram para assistir ao funeral. Havia também uma jovem muito bonita, que era a filha de Ivan Ilitch. Estava toda de preto e sua figura esguia parecia ainda mais esguia agora. Tinha uma expressão quase agressiva. Olhou na direção de Piotr Ivanovich como se ele fosse de algum modo culpado. Atrás da filha, com a mesma expressão de mágoa, estava um jovem rico que Piotr Ivanovich também conhecia e um magistrado com a noiva, de quem ele ouvira falar. Piotr Ivanovich inclinou-se com ar triste na direção deles e ia seguir adiante quando surgiu o filho adolescente de Ivan Ilitch,

cuja semelhança com o pai era impressionante. Ali estava Ivan Iltch outra vez, tal como Piotr Ivanovich lembrava dele dos tempos de estudantes. Tinha os olhos vermelhos de tanto chorar e aquele olhar pervertido dos garotos de treze ou quatorze anos. Ao ver Piotr Ivanovich, endereçou-lhe um olhar ao mesmo tempo desanimado e de pouco caso. Piotr Ivanovich balançou a cabeça e entrou no quarto do morto. O serviço estava começando: velas, suspiros, incenso, lágrimas e soluços. Piotr Ivanovich ficou ali, olhando para os próprios pés. Não olhou uma única vez para o corpo, recusando-se, até o fim, a deixar-se dominar pela depressão, e foi um dos primeiros a partir. Não havia ninguém na ante-sala, mas Gerassim, o criado da casa, veio rapidamente de dentro do quarto, pegou um por um todos os casacos até encontrar o de Piotr Ivanovich e ajudou-o a vesti-lo.

– Bem, meu amigo Gerassim – disse Piotr Ivanovich, só para dizer alguma coisa. – Que coisa triste, não é?

– É a vontade de Deus. Nós todos vamos passar por isso um dia – respondeu Gerassim, mostrando seus dentes brancos e pares de camponês. E como se tivesse que terminar um trabalho urgente, em seguida abriu a porta da frente, chamou o cocheiro, levou Piotr Ivanovich até a carruagem e voltou rapidamente para a varanda, como quem já está pensando na próxima tarefa a ser cumprida.

Piotr Ivanovich achou aquele ar fresco particularmente agradável depois de todo o cheiro de incenso, de cadáver e de desinfetante.

– Para onde, senhor? – perguntou o cocheiro.

– Não é tão tarde, ainda dá tempo de dar uma passada na casa de Fiodr Vassilyevich.

E Piotr Ivanovich foi para lá e, de fato, encontrou-os recém terminando a primeira rodada, de modo que chegou em tempo de entrar no jogo.

A história da vida de Ivan Ilitch foi das mais simples, das mais comuns e portanto das mais terríveis.

Era membro do Tribunal de Justiça e morreu aos quarenta e cinco anos. Filho de um oficial cuja carreira em Petersburgo em vários ministérios e departamentos era daquelas que conduzem as pessoas a postos dos quais, em razão de seu longo tempo de serviço e da posição alcançada, não podem ser demitidas – embora seja óbvio que não possuem o menor talento para qualquer tarefa útil –, pessoas para as quais cargos são especialmente criados, os quais, embora fictícios, pagam salários que nada têm de fictícios e dos quais eles continuam vivendo o resto da vida.

Era o caso do conselheiro particular Ilya Yefimovich Golovin, membro totalmente supérfluo de uma das tantas instituições também supérfluas.

Tinha três filhos, dos quais Ivan Ilitch era o segundo. O mais velho estava seguindo os passos do pai, só que em outro ministério, e já se aproximava daquele estágio no serviço público em que a inércia é recompensada com a estabilidade. O terceiro filho era um fracasso. Jogara fora todas as suas chances em vários postos e agora estava empregado no departamento de estradas. Seu pai, seus irmãos e principalmente as esposas destes não apenas não gostavam de encontrá-lo, como evitavam sequer lembrar de sua existência, a não ser quando forçados a isso. Sua irmã casara com o Barão Greff, um oficial de Petersburgo da mesma classe do sogro.

Ivan Ilitch era *le phenix de la famille*, como as pessoas costumavam dizer. Nem tão frio e formal quanto o irmão mais velho, nem tão rebelde quanto o mais jovem, era um simpático meio-termo entre os dois – um homem inteligente, educado, bem-disposto e agradável. Fora educado para o Direito, assim como o mais moço, mas este não havia terminado o curso, sendo expulso logo no início. Ivan Ilitch, ao contrário, formara-se muito bem. Como estudante, ele já era exatamente o que viria a ser para o resto da vida: um jovem muito capaz, alegre, sociável, de boa paz, embora rígido no que considerava serem suas obrigações – e ele considerava suas obrigações o que quer que os seus superiores assim considerassem. Nem quando garoto nem quando adulto foi pessoa de pedir favores, embora fosse característica sua sentir-se sempre atraído por pessoas que estivessem em posições mais altas que a sua. Adotava os modos e pontos de vista delas e logo estabelecia relações de amizade com essas pessoas. O entusiasmo de infância e juventude passou sem deixar nele grandes marcas. Deixara-se levar pela sensualidade, pela vaidade e, até o fim de sua época de estudante, por idéias liberais, mas sempre dentro de limites que sua intuição lhe dizia quais eram.

Ainda quando estudante fizera coisas que lhe pareceram vis e na ocasião o fizeram sentir-se enojado consigo, mas, mais tarde, percebendo que a mesma conduta era adotada por pessoas do mais alto nível e elas não a consideravam errada, chegou a não exatamente tê-las como certas, mas a simplesmente esquecê-las ou a não se incomodar ao lembrá-las.

Assim que conseguiu seu diploma e ingressou no décimo escalão do serviço público, e tendo recebido de seu pai um dinheiro para o novo guarda-roupa, Ivan Ilitch fez encomendas na Scharmer's, pendurou na corrente do relógio uma medalha com a frase *Respice Finem*, deu adeus ao seu professor e ao patrono da Escola, fez um jantar de despedida com seus colegas no Donon's e com seus novos pertences – um baú, roupas de cama, uniforme, objetos de toalete e

um cobertor para a viagem –, todos adquiridos nas melhores lojas, partiu para uma das províncias para assumir o posto de secretário particular e emissário do governador, conseguido com a ajuda de seu pai.

Na província, Ivan Ilitch logo alcançou uma posição tão confortável quanto aquela de que gozara nos tempos de escola. Cumpria com suas obrigações, avançava em sua carreira e ao mesmo tempo levava uma vida social do mais alto padrão. De vez em quando fazia visitas oficiais a pequenas cidades, comportando-se com igual dignidade tanto com superiores quanto com inferiores e cumprindo cada uma das tarefas de que era incumbido, com escrupulosa e incorruptível integridade, da qual muito se orgulhava.

No que dizia respeito a assuntos oficiais, apesar de sua juventude e da queda por diversões frívolas, era extremamente reservado, profissional, severo até, mas em sociedade tornava-se uma pessoa divertida e espirituosa, sempre de bom humor, um cavalheiro e *bon-enfant*, como costumavam dizer o governador e sua esposa, que o consideravam como uma pessoa da família.

Na província, teve um caso com uma senhora que se jogou nos braços do jovem e elegante advogado. Havia também uma jovem chapeleira, e noitadas com os militares de passagem, e visitas após o jantar a uma certa rua em um bairro afastado, e havia também alguns esforços um tanto dúbios no sentido de agradar seu chefe e até mesmo a esposa deste, mas tudo era feito com tamanha classe que nada poderia ser criticado. Ficava tudo por conta do ditado francês *Il faut que la jeunesse se passe* [2]. Era tudo feito com mãos limpas, frases em francês e, principalmente, na alta-sociedade, portanto, com a aprovação de pessoas de classe!

Assim foi a carreira de Ivan Ilitch por cinco anos, até que houve uma mudança em sua vida oficial. Foram criadas novas instituições e fez-se necessário contratar novos homens. Ivan Ilitch tornou-se um deles. Ofereceram-lhe o cargo de juiz magistrado e ele o aceitou, apesar do fato de o posto ser em outra província e obrigá-lo a abrir mão das relações que havia feito ali e fazer outras novas. Os amigos que foram se despedir tiraram uma fotografia e deram-lhe de presente uma cigarreira prateada, e lá se foi Ivan Ilitch para uma nova vida.

Como magistrado examinador Ivan Ilitch era irrepreensível: sabia portar-se e separar com inteligência seus compromissos oficiais de sua vida particular e tão capaz de inspirar respeito quanto o tinha sido no cargo anterior. As obrigações de seu novo posto eram muito mais atraentes e interessantes do que as de sua outra função. Antes era-lhe agradável sair da Scharmer's à paisana em direção à multidão de petionários e oficiais sem importância que aguardavam timidamente uma audiência com o governador e vê-los olhá-lo com inveja quando entrava com segurança no escritório particular do governador para com ele tomar um chá e fumar um cigarro. Mas havia pouca gente que dependia diretamente de sua boa vontade – apenas oficiais da polícia e os secretários quando iam em missões especiais –, e ele gostava de tratar essas pessoas que dependiam dele afavelmente, quase como companheiros, gostava de fazê-los sentir que ali estava ele, um homem que tinha o poder de subjugar, de quem eles dependiam, tratando-os de igual para igual. Nessa época essas pessoas não eram muitas, mas agora que ele era um magistrado sentia que todos – todos sem exceção, até aquele mais importante e auto-suficiente – estavam em suas mãos e que lhe bastava escrever certas palavras em um pedaço de papel timbrado, e esta ou aquela pessoa tão importante e auto-suficiente seria trazida a sua presença na condição de acusado ou de testemunha, e que bastava que ele decidisse não lhe deixar sentar e a pessoa seria obrigada a permanecer de pé em sua presença e responder ao seu interrogatório.

Ivan Ilitch nunca abusou de sua autoridade, ao contrário, tentava suavizar o peso desta. Mas a consciência desse poder e a possibilidade de amenizar esse efeito só aumentavam o fascínio pela posição que ocupava. Quanto ao trabalho em si – isto é, os julgamentos – Ivan Ilitch logo adquiriu a arte de eliminar todas as considerações irrelevantes ao aspecto legal e reduzir até mesmo o caso mais complicado a uma forma pela qual os fundamentos pudessem ser colocados no papel, excluindo completamente sua opinião pessoal e, o que era mais importante, cumprindo todas as formalidades. Era um trabalho novo e Ivan Ilitch foi um dos primeiros homens a pôr em prática o Código de 1864.

Ao assumir o cargo de magistrado, na nova cidade, Ivan Ilitch fez novos conhecidos, novas relações, adaptou-se novamente e adotou um novo estilo. Mantinha uma digna frieza em relação às autoridades, selecionava os melhores círculos entre os homens das leis e da nobreza que viviam na cidade, com os quais sua atitude era uma mistura de uma leve crítica em relação ao governo, junto com uma moderada forma de liberalismo e consciência de cidadão. Nessa época, sem alterar a elegância nos trajes, Ivan Ilitch, em sua nova postura, parou de se barbear, deixando que a barba crescesse à vontade.

Ivan Ilitch acomodava-se outra vez a uma existência bastante agradável na nova cidade. A sociedade na qual ele agora circulava – e que tinha uma tendência a levantar críticas contra o governador – era constituída de uma simpática e afável classe-alta; seu salário era maior e ele começou a jogar *whist*, o que só fazia aumentar sua satisfação. Jogador bem-humorado, capaz de pensar rapidamente e calcular com finesse suas jogadas, encontrava-se quase que invariavelmente do lado do vencedor.

Depois de alguns anos na nova cidade, Ivan Ilitch conheceu aquela que viria a ser sua esposa, Praskovya Fiodorovna Mikhel, a garota mais fascinante, inteligente e espirituosa do seu círculo, e, entre tantas atividades que praticava para se distrair, Ivan Ilitch começou um leve e divertido flerte.

Quando trabalhava como secretário particular do governador, Ivan Ilitch raramente perdia um baile. Agora, na condição de magistrado, dançar era raro – como se só o fizesse para provar que, embora trabalhasse para uma instituição reformada e tivesse sido promovido para o quinto escalão, ainda assim, nessa arte, saía-se melhor do que a maioria. Assim, vez por outra, à noite, era visto dançando com Praskovya Fiodorovna, e foi durante uma dessas danças que a conquistou. Praskovya Fiodorovna apaixonou-se por ele. No início Ivan Ilitch não tinha intenções definidas de casamento, mas, ao percebê-la apaixonada, perguntou-se: “Afinal de contas, por que não casar?”.

Praskovya Fiodorovna vinha de boa família, não era nada feia e tinha algumas posses. Ivan Ilitch certamente aspirava a um casamento melhor, mas mesmo esse não era mau arranjo. Ele tinha um bom salário, ao qual a renda dela, esperava, viria somar-se. Ela era bem relacionada e uma jovem doce, bonita, *comme il faut*. Dizer que Ivan Ilitch estava casando apaixonado e porque sua noiva partilhava de suas opiniões seria tão falso quanto dizer que ele só se casava porque seu círculo social aprovava a escolha. Ivan Ilitch considerava sobretudo dois aspectos: o casamento lhe traria satisfação pessoal ao mesmo tempo em que estaria fazendo o que era considerado correto pelas classes mais altas.

E foi assim que Ivan Ilitch casou-se.

A cerimônia em si e o começo da vida conjugal, com todas as atenções, com a nova

mobília, a nova louça e roupas de cama, juntando-se à gravidez de sua mulher, era tudo o que ele podia desejar, de modo que começou realmente a achar que o casamento, longe de atrapalhar seu agradável, solto, despreocupado, mas sempre respeitável modo de vida – aprovado pela sociedade e tido por ele mesmo como natural –, acrescentar-lhe-ia até um novo encanto. Mas foi nesse momento, com os primeiros meses de gravidez de sua mulher, que se apresentou um novo elemento, inesperado, desagradável, cansativo e totalmente inapropriado. Que nunca poderia ter sido previsto e do qual não havia como escapar.

Sua esposa, sem razão alguma, ou pelo menos assim lhe parecia, por puro capricho, como ele dizia, começou a perturbar a agradável e decente ordem de sua vida. Sem que houvesse qualquer tipo de justificativa, Praskovya começou a mostrar-se ciumenta, a exigir que ele dedicasse toda sua atenção a ela, punha defeitos em tudo e fazia as mais desagradáveis e constrangedoras cenas.

No início Ivan Ilitch pensava escapar desse ingrato estado das coisas tomando a mesma atitude desligada que tanto lhe servira anteriormente. Tentava ignorar os ataques de mau humor de sua esposa. Continuou a viver do seu jeito descompromissado, convidava os amigos para irem jogar cartas em sua casa, tentava ir ao clube e aceitar convites. Mas houve um dia em que sua mulher o atacou tão violentamente e daí em diante passou a atacá-lo continuamente com palavras tão vulgares a cada vez que ele recusava-se a atender suas exigências, claramente determinada a não parar até que ele se rendesse ou, em outras palavras, concordasse em ficar em casa e entediá-la tanto quanto ela, que Ivan Ilitch viu-se derrotado. Só então deu-se conta de que o casamento – pelo menos com Praskovya – estava longe de ser só fonte de prazeres e alegrias, e, ao contrário, freqüentemente infringia as leis do conforto e adequação e que, portanto, era necessário proteger-se. E Ivan Ilitch pôs-se a procurar os meios de proteção. Sua posição era o aspecto de sua vida que verdadeiramente a impressionara e ele, então, passou a usar sua posição e as obrigações dela decorrentes em sua luta por independência.

O nascimento da criança, as tentativas fracassadas de amamentá-lo e as várias doenças, reais e imaginárias, que acometeram mãe e filho, nas quais a ajuda de Ivan Ilitch era exigida, mas sobre as quais ele não entendia nada, tudo isso contribuiu para tornar mais urgente para ele a construção de um muro que o isolasse da vida familiar.

À medida que sua esposa ia ficando mais irritada e exigente, Ivan Ilitch ia transferindo o centro de gravidade de sua existência da família para o trabalho. Tornava-se cada vez mais absorvido por suas tarefas oficiais, com uma ambição que jamais tivera.

Logo, logo, com apenas um ano de casamento, Ivan Ilitch já concluíra que o matrimônio, conquanto trouxesse certas vantagens, era, na verdade, um negócio muito difícil e intrincado, no qual se uma pessoa quisesse cumprir com suas obrigações, ou seja: levar a vida decente aprovada pela sociedade, precisava criar para si uma postura muito clara.

E foi o que ele fez em relação a sua vida de casado. Esperava dela que cumprisse somente com as conveniências – uma esposa para organizar sua casa, cama feita, refeições em hora certa –, o que lhe permitia que continuasse mantendo as aparências exigidas pelo senso comum.

Quanto ao resto, ele tentava encontrar um pouco de companheirismo e se encontrava ficava muito satisfeito, mas se só encontrasse antagonismo e irritação prontamente se retirava para o seu mundo de obrigações oficiais e dele tirava grandes satisfações.

Ivan Ilitch era considerado um excelente magistrado e depois de três anos foi promovido a

promotor público assistente. Suas novas funções, a importância do que fazia, a possibilidade de indiciar e condenar quem quer que fosse, a publicidade dada a seus discursos, bem como o sucesso destes, tudo isso só fazia aumentar o encanto de seu trabalho.

Outros filhos vieram. Sua mulher foi se tornando cada vez mais exigente e mal-humorada, mas a linha que Ivan Ilitch havia traçado para separá-lo de sua vida familiar tornou-o quase impermeável às reclamações de sua esposa.

Depois de sete anos servindo na mesma cidade, Ivan Ilitch foi transferido para outra província como promotor público. Mudaram-se, o dinheiro diminuiu e sua esposa não ficou satisfeita com a mudança de ambiente. Embora o salário fosse mais alto, o custo de vida era mais caro, e além disso dois dos seus filhos haviam morrido, de modo que a vida em família tornou-se ainda mais desagradável para Ivan Ilitch.

Praskovya culpava o marido por qualquer problema que acontecesse na nova casa. A maioria das conversas entre marido e mulher, especialmente aquelas que diziam respeito à educação das crianças, remetiam a disputas anteriores, de modo que a qualquer momento uma briga estava prestes a explodir. Restavam ainda aqueles raros momentos de sensualidade que aconteciam de vez em quando, mas que não duravam muito. Eram pequenas ilhas, nas quais eles aportavam vez por outra, apenas para embarcar novamente no mesmo oceano de hostilidade dissimulada que se tornava claro na distância que crescia entre os dois. Essa distância poderia tê-lo feito sofrer se ele tivesse acreditado que seria diferente, mas ele chegava a um ponto de considerar esse afastamento não só como normal, mas até como um objetivo a ser alcançado na vida doméstica. Aspirava libertar-se mais e mais de todas as coisas desagradáveis e ter para com elas uma atitude *blazé*, o que ele conseguiu passando cada vez menos tempo com a família e, quando forçado a estar em casa, protegendo-se através da presença de estranhos. A maior satisfação de Ivan Ilitch, no entanto, estava no fato de ter seu próprio gabinete. Todo o seu interesse concentrava-se agora no mundo de suas obrigações profissionais e estas o absorviam totalmente. A sensação de seu próprio poder, o sentimento de ser capaz de destruir quem quisesse e mesmo o status de sua posição que ele saboreava ao fazer sua entrada no Tribunal ou encontrando-se com seus funcionários, o fato de ser bem-sucedido aos olhos de superiores e subordinados e, acima de tudo, sua habilidade na resolução dos casos, da qual tinha plena consciência – tudo isso dava-lhe satisfação, como podia demonstrar nas conversas com seus colegas, nos jantares e no jogo que preenchiam seu tempo. De modo que, no geral, a vida de Ivan Ilitch continuava a correr como ele achava que tinha de ser – agradável e dentro das conveniências sociais.

E assim continuaram as coisas por mais sete anos. Sua filha mais velha já estava com dezesseis anos, outro bebê havia morrido e restava-lhe apenas um filho, um estudante que era objeto de constantes discussões. Ivan Ilitch queria que o menino entrasse para a Escola de Direito, mas Praskovya Fiodorovna mandou o garoto para o colégio. A menina fora educada em casa e tivera bons resultados; o garoto também não ia nada mal nos estudos.

Assim continuou a vida de Ivan Ilitch após dezessete anos de casamento. Ele agora era um promotor público de longa carreira e havia declinado várias propostas de transferência na esperança de ganhar cada vez mais espaço, quando um indesejável e desagradável incidente veio destruir o pacífico andamento de sua existência. Contava ser indicado para juiz em uma cidade universitária, mas Hoppe, de algum modo, passou na sua frente e garantiu a nomeação. Ivan Ilitch, irritado, acusou Hoppe, desentendeu-se com ele e com seus superiores imediatos. Deram-lhe um gelo e na hora de fazerem nova indicação foi novamente posto de lado.

Isso aconteceu em 1880, o ano mais difícil na vida de Ivan Ilitch. Nesse ano ficou evidente por um lado que seu salário era insuficiente e por outro que havia sido esquecido por todos, e o que a seus olhos era a mais monstruosa e cruel das injustiças pareceu aos outros um fato corriqueiro. Nem mesmo seu pai sentiu-se compelido a ajudá-lo. Ivan Ilitch sentiu-se abandonado por todos, que consideravam sua situação, com um salário de três mil e quinhentos rublos, perfeitamente normal, até mesmo muito boa. Só ele sabia que, com as injustiças de que fora vítima, com as eternas reclamações de sua esposa e as dívidas que se acumulavam pelo fato de viver acima de suas posses, sua situação estava longe de ser considerada normal.

A fim de diminuir as despesas, tirou uma licença e foi com sua esposa passar o verão na casa de campo do cunhado.

No campo, livre de obrigações oficiais, Ivan Ilitch experimentou, pela primeira vez na vida, não um simples *ennui*, mas uma insuportável depressão, e decidiu que as coisas não poderiam continuar daquele jeito, e que deviam ser tomadas medidas enérgicas.

Depois de uma noite em claro, caminhando de um lado para outro na varanda, decidiu ir a Petersburgo e tomar providências para conseguir transferência para outro ministério e puni-los a todos, o que significava aqueles que não souberam dar-lhe o devido valor.

No dia seguinte, apesar de todos os esforços de sua esposa e do cunhado para fazê-lo mudar de idéia, embarcou para Petersburgo.

Foi com um único objetivo em mente: conseguir um cargo com um salário de cinco mil rublos. Não tinha predileção por nenhum ministério em especial, ou por alguma tendência, ou sobre o tipo de trabalho que teria de exercer. Tudo o que queria era uma indicação para um posto que pagasse cinco mil rublos, tanto podia ser no serviço administrativo, no departamento financeiro, nas estradas, em uma das instituições da Imperatriz Maria, como na alfândega – qualquer coisa, contanto que lhe pagassem o salário desejado e levassem-no daquele departamento onde não souberam dar-lhe o merecido valor.

E vejam só: a viagem de Ivan Ilitch foi coroada de um surpreendente e inesperado sucesso. Em Kursk, um conhecido seu, F. S. Ilyn, embarcou no mesmo veículo de primeira classe e falou-lhe de um telegrama que acabara de receber do governador de Kursk, anunciando uma mudança que estava para acontecer no Ministério: Piotr Ivanovich seria substituído por Ivan Semeonovich.

A mudança proposta, além do que significava para a Rússia, tinha um significado especial para Ivan Ilitch, por colocar em evidência um novo homem, Piotr Petrovich, e, sem dúvida, com ele, seu amigo Zahar Ivanovich, o que lhe seria altamente favorável, uma vez que haviam sido amigos e colegas.

Em Moscou, as notícias foram confirmadas e, assim que chegou a Petersburgo, Ivan Ilitch procurou Zahar Ivanovich, que prometeu indicá-lo em seu antigo departamento, o Ministério da Justiça.

Uma semana mais tarde telegrafou à sua esposa: “Na primeira oportunidade Zahar indicarme para o lugar de Miller”.

Graças a essa mudança de pessoal, Ivan Ilitch obteve inesperadamente uma promoção em seu antigo Ministério que o colocou dois níveis acima de seus ex-colegas, além de lhe proporcionar a renda de cinco mil rublos, mais uma ajuda de três mil e quinhentos para as despesas decorrentes da mudança. Todas as queixas contra seus antigos inimigos e o departamento foram esquecidas e Ivan Ilitch deu-se por totalmente satisfeito.

Voltou para o campo mais animado e feliz do que há muito ninguém o via. Praskovya Fiodorovna animou-se também e decidiram fazer uma trégua. Ivan Ilitch falou muito sobre o respeito com que o trataram em Petersburgo, como todos, antes seus inimigos, haviam sido humildes e servis com ele, como estavam invejando sua nova indicação e, em particular, como conquistara todos em Petersburgo.

Praskovya a tudo ouvia, fingindo acreditar, não contradizendo-o em nada, restringindo-se a fazer planos para a nova vida na cidade para a qual se mudariam. E Ivan Ilitch percebeu, com prazer, que esses planos coincidiam com os seus, que ele e sua esposa estavam surpreendentemente de acordo e que sua vida, depois de tantas dificuldades, estava a ponto de recuperar sua natural característica de ordem e alegria.

Ivan Ilitch voltara para o campo por pouco tempo, tinha que assumir suas novas funções em dez de setembro. Além do mais, precisava de algum tempo para adaptar-se ao novo lugar, fazer a mudança da província e encomendar uma série de coisas, enfim, estabelecer-se do modo como já havia decidido e que coincidia com as idéias de Praskovya.

E agora que tudo corria tão bem e ele e sua esposa estavam com os mesmos planos e além disso tão próximos, iniciou-se para eles a melhor fase desde os primeiros anos de casamento. Ivan Ilitch pensava, a princípio, em levar toda a família de uma vez, mas seu cunhado e a esposa, os quais se tornaram subitamente extremamente cordiais, não quiseram nem ouvir falar nisso, de modo que Ivan Ilitch partiu sozinho.

E assim Ivan Ilitch partiu e com ele a feliz disposição de espírito criada por seu sucesso e pela harmonia entre ele e a esposa, um sentimento fortalecendo o outro. Encontrou um charmoso apartamento, o tipo de coisa com que o casal sempre sonhara. Espaçosas salas, com o pé-direito alto, à moda antiga, um confortável e vistoso escritório, quartos para sua esposa e sua filha, uma sala de estudos para o filho – parecia ter sido especialmente projetado para sua família. Ivan Ilitch supervisionou pessoalmente as reformas, escolheu o papel de parede, comprou outros móveis (na maioria antiguidades consideradas por ele *comme il faut*), escolheu o material para forração e cortinas e tudo foi tomando forma até tornar-se aquilo a que ele havia se proposto. Mesmo quando as coisas ainda estavam na metade, quase sempre ultrapassavam suas expectativas. Pensava no aspecto refinado e elegante, sem um toque de vulgaridade, que tudo teria quanto estivesse pronto. De noite, ao adormecer, punha-se a imaginar como ficaria a sala de estar depois de pronta, e examinando a sala de visitas dava para ver a lareira, o biombo, o *étagère* e as cadeiras espalhadas aqui e ali, os pratos nas paredes, os enfeites de bronze, e deliciava-se pensando em como ficaria quando tudo estivesse nos seus lugares. Deliciava-se

sobretudo em pensar na impressão que causaria em sua esposa e sua filha, elas que tinham tanto bom gosto nesses assuntos. Jamais poderiam imaginar algo assim. Ele havia tido muita sorte, especialmente em descobrir e comprar por uma pechincha móveis antigos que deram um ar excepcionalmente aristocrático a todo o ambiente. Nas cartas ele fazia questão de não se mostrar tão entusiasmado, para causar-lhes surpresa ainda maior quando chegassem. Tudo isso absorvera-o tanto que, embora gostasse muito de seu trabalho, este interessava-o menos do que esperava. Algumas vezes até mesmo distraía-se durante as sessões, ponderando se o bandô da cortina deveria ser reto ou arredondado. Estava tão envolvido com tudo isso que freqüentemente fazia ele próprio as coisas, recolocando móveis nos lugares, arrumando cortinas. Certa vez, subindo em uma escada para mostrar ao empregado, que não conseguia entender, como é que queria o material pendurado, escorregou, mas como era uma pessoa ágil e forte conseguiu se segurar e apenas bateu de lado na maçaneta da janela. O machucado doeu, mas passou logo. Durante esse tempo todo Ivan Ilitch sentia-se particularmente bem disposto e animado. “Sinto-me quinze anos mais jovem”, escreveu. Contava ter tudo pronto até setembro, mas a coisa acabou por arrastar-se até o meio de outubro. O resultado, no entanto, era encantador, e essa não era apenas a sua opinião, mas a de todos que ali entrassem.

Na realidade, o efeito não passava do que normalmente é visto nas casas de pessoas que não são exatamente ricas, mas que querem parecer ricas e o máximo que conseguem é parecer-se com todas as outras pessoas de sua classe: havia damascos, ébano, plantas, tapetes, enfeites de bronze, tudo muito sóbrio e bem polido, tudo aquilo que as pessoas de uma determinada classe social possuem para parecerem outras pessoas.

E no caso dele o efeito era tão exato que não causava impressão alguma, mas para ele tudo parecia ser especial. Quando foi buscar a família na estação e trouxe-os para o apartamento recém-decorado, todo iluminado, pronto, e um criado de uniforme abriu-lhes a porta do hall todo cheio de flores e elas entraram na sala de visitas e no escritório, com gritos de satisfação, ele encheu-se de felicidade mostrando-lhes a casa toda, bebendo-lhes os elogios com avidez, sorrindo de prazer. Naquela tarde, à hora do chá, quando Praskovya perguntou por sua queda da escada ele riu e mostrou-lhes como tinha saído voando e o susto que dera no pobre do homem que instalava as cortinas.

– Ainda bem que eu tenho o preparo de um atleta! Outro no meu lugar teria morrido, enquanto que eu dei só uma batida aqui. Dói quando eu toco, mas logo vai passar – é um machucadinho de nada.

E assim começou a vida na nova morada e, como sempre acontece, quando estavam totalmente instalados descobriram que estavam separados apenas por um quarto e, com seus rendimentos aumentados, tudo ia bem (se bem que eles achassem, como sempre, que mais quinhentos rublos fariam uma boa diferença). As coisas iam especialmente bem no início, antes de estar tudo completamente arrumado, quando havia sempre alguma coisa por fazer, comprar isso, encomendar aquilo, mudar esse móvel de lugar, arrumar aquele outro. E, embora houvesse briguinhas ocasionais entre marido e mulher, ambos estavam tão satisfeitos e havia tanta coisa a fazer que tudo isso passava sem discussões mais sérias. No entanto, quando não havia mais nada para decidir, as coisas começaram a ficar enfadonhas, parecia estar faltando alguma coisa, mas daí eles começaram a conhecer pessoas, entrar dentro da mesma rotina e preencheram suas vidas.

Ivan Ilitch, depois de passar a manhã no Tribunal, vinha em casa almoçar e no início ele até que tinha bom humor, conquanto esse bom humor estivesse sempre prestes a ser estragado e exatamente por causa da casa nova (qualquer mancha na toalha da mesa ou na forração, a gravata da cortina um pouco gasta, tudo o irritava: tivera tanto trabalho para arrumar tudo que lhe magoava ver qualquer coisa estragada). Mas, de modo geral, a vida de Ivan Ilitch seguia seu curso como ele achava que deveria ser: calmamente, agradavelmente e dentro das normas estabelecidas, levantava às nove horas, tomava seu café, lia os jornais, vestia seu uniforme e ia para o Tribunal. Lá chegando, caía imediatamente na sua rotina de trabalho e preparava-se para lidar com petições, processos e as sessões públicas e administrativas. Em tudo isso, fazia-se necessário excluir dali tudo o que contivesse vida dentro de si – o que sempre perturba o andamento normal das coisas oficiais. Não permitia qualquer tipo de relações com as pessoas que não as oficiais e, mesmo assim, no ambiente oficial. Por exemplo: um homem chega ansioso por uma determinada informação. Ivan Ilitch, por não ser o funcionário em cuja esfera repousa a matéria, não teria nada a ver com o caso, mas se o assunto do tal homem fosse de sua competência, qualquer coisa que pudesse ser resolvida com o papel timbrado, nesse caso então Ivan Ilitch faria tudo que estivesse ao seu alcance e, ao agir assim, pareceria estar tendo relações humanas e cordiais, obedecendo aos ditames do bom relacionamento social. Mas onde cessassem as relações oficiais, cessava também qualquer forma de contato. Essa arte de separar tão bem a vida oficial da vida real Ivan Ilitch possuía no mais alto grau e a prática associada ao talento natural tinha-o feito desenvolver esse talento a tal ponto de perfeição que muitas vezes, como os virtuosos, ele até se permitia, por um breve momento, mesclar suas relações humanas com as oficiais. E se permitia-se fazê-lo era justamente porque podia, no momento que quisesse, reassumir o tom puramente oficial e abandonar a atitude humana. E Ivan Ilitch fazia tudo isso não apenas com leveza, prazer e perfeição, mas como quem realiza um trabalho artístico. Nos intervalos entre as sessões, fumava, bebia chá, conversava um pouco sobre política, um pouco sobre assuntos gerais, um pouco sobre jogo de cartas, mas acima de tudo sobre o trabalho. E, cansado mas sentindo-se como um artista – um dos primeiros violinos da orquestra – depois de uma excelente performance, voltava para casa. Lá ficava sabendo que mãe e filha tinham feito e recebido visitas, o filho fora à escola, preparara suas lições com o tutor e estava dando duro para aprender o que ensinam nas escolas. Estava tudo sob controle. Depois do jantar, se não houvesse visitas, Ivan Ilitch às vezes lia algum livro que estivesse sendo comentado no momento e depois sentava para trabalhar um pouco, isto é, lia documentos oficiais, consultava o Código Penal e examinava os depoimentos das testemunhas, tomando nota dos parágrafos do Código Penal que se aplicassem ao caso. Para ele isso não era nem cansativo nem divertido. Era cansativo quando ele poderia, naquele momento, estar jogando *whist*, mas se não havia jogo naquela noite era, de qualquer maneira, melhor do que ficar sem fazer nada ou sentado com sua esposa. O maior prazer de Ivan Ilitch era dar pequenos jantares, para os quais convidava pessoas de boa posição social e, assim como sua sala de visitas parecia-se com todas as outras, também suas agradáveis festinhas nada tinham de originais.

Uma vez deram até um baile. Ivan Ilitch divertiu-se muito e tudo saiu muito bem, a não ser pelo fato de que a tal festa terminou gerando uma briga violenta entre ele e a esposa por causa da comida. Praskovya Fiodorovna pensava em fazer de um jeito, mas Ivan Ilitch insistiu em mandar fazer tudo em um lugar caríssimo e encomendou bolos demais e a briga começou porque

sobraram bolos e a conta da confeitaria foi de quarenta e cinco rublos. Foi uma briga violenta, Praskovya chamou-o de tolo e imbecil e ele, colocando as mãos na cabeça, murmurou que queria o divórcio. Mas a festa em si estivera bem agradável. A nata da sociedade compareceu e Ivan Ilitch dançou com a Princesa Trufonov, uma das irmãs daquela que se tornou conhecida por sua ligação com a instituição de caridade “Ameniza meu sofrimento”. A ambição era sua maior fonte de prazer no campo profissional, a satisfação de suas vaidades no campo social, mas seu verdadeiro deleite era o *whist*. Chegou a confessar que o que quer que acontecesse de desagradável em sua vida, a alegria que brilhava, como uma chama mais forte do que tudo, vinha de sentar para jogar com bons parceiros, compenetrados e silenciosos – e naturalmente só quatro (com cinco era irritante ter de ficar esperando, embora todos fingissem não se incomodar). Jogar uma partida séria, inteligente (quando as cartas o permitiam), seguida de uma boa janta e um bom vinho. E quando ia para a cama, depois do jogo, especialmente depois de ganhar um pouco (ganhar uma soma muito alta era desconfortável), Ivan Ilitch deitava-se para dormir especialmente feliz.

E assim iam vivendo, circulavam nas melhores rodas e eram visitados tanto por pessoas importantes quanto por jovens.

No que se referia ao círculo de amigos de seu marido, Praskovya, assim como sua filha, nada tinham a reclamar e, num acordo tácito, tratavam de livrar-se de amigos e parentes que os vinham bajular em sua sala de visitas de pratos japoneses nas paredes. Em seguida, essas pessoas mal-arrumadas paravam de rodar em volta deles e em pouco tempo só aqueles que realmente interessavam eram vistos na residência dos Golovin. Os rapazes começavam a cortejar Liza, e um jovem magistrado, Petrishchev, filho e único herdeiro de Dimitri Ivanovich Petrishchev, começou a cobri-la de tantas atenções que Ivan Ilitch resolveu consultar sua esposa se não seria uma boa idéia proporcionar-lhes um passeio de carruagem ou uma ida sozinhos ao teatro.

E a vida continuava. E tudo continuava do mesmo jeito, sem problemas, e era tudo muito agradável.

A família toda gozava de boa saúde. Ivan Ilitch às vezes queixava-se de um gosto estranho na boca e uma sensação desconfortável no lado esquerdo do estômago, mas ninguém chamaria isso de doença.

Mas essa sensação desconfortável foi piorando e, embora não sendo exatamente dolorosa, evoluiu para um tipo de pressão no lado, acompanhado de desânimo e irritabilidade. A irritação foi crescendo cada vez mais, até começar a estragar a vida agradável, calma e decente que os Golovin haviam conseguido. O casal brigava cada vez com mais frequência e há muito que toda a calma e o prazer da vida haviam caído por terra e era com dificuldade que conseguiam manter as aparências como antes. Havia repetidas discussões, até que, no mar da discórdia restaram muito poucas ilhas nas quais marido e mulher conseguiam se encontrar sem que houvesse uma explosão. E Praskovya dizia, agora não sem motivo, que seu marido tinha um temperamento difícil. Com seu característico exagero, sustentava que ele sempre havia sido assim e fora preciso muita paciência de sua parte para suportar a situação durante esses vinte anos. É bem verdade que agora era ele quem começava as discussões. Seus ataques temperamentais sempre explodiam quando estavam sentando para o jantar, freqüentemente um pouco antes da sopa. Bastava ele notar que um prato estava lascado, ou o gosto da comida não estava como deveria, ou era o filho que colocava o cotovelo em cima da mesa, ou o cabelo da filha que não estava bem penteado. E o que quer que fosse, a culpa era de Praskovya. No início ela respondia no mesmo tom e dizia-lhe coisas desagradáveis, mas depois que uma ou duas vezes, bem no início do jantar, ele entrou em tal delírio de repente, ela achou que se devia a alguma reação física que acontecia ao comer e resolveu conter-se e não reagir. Apressou-se em terminar a refeição. Praskovya orgulhou-se muito por esse exercício de autocontrole. Tendo chegado à conclusão de que o marido possuía um temperamento assustador e tornara sua vida miserável, começou a ter pena de si mesma e, quanto mais pena tinha de si mesma, mais detestava o marido. Começou a desejar que morresse, ainda que não o quisesse morto porque com ele iria-se também o salário dele. E isso provocava-lhe ainda maior irritação contra ele. Julgava-se terrivelmente infeliz justamente porque nem mesmo sua morte poderia trazer-lhe alívio e, embora disfarçasse sua irritação, a amargura sufocada só fazia aumentar sua raiva.

Depois de uma cena em que Ivan Ilitch fora especialmente injusto e depois dissera, à guisa de explicação, que sem dúvida estava irritado mas que isso se devia ao fato de não estar se sentindo bem, ela respondeu que se ele estava doente devia ser tratado e insistiu em que consultasse um médico famoso.

E ele foi. Seguiu-se tudo dentro do esperado, como sempre acontece. Houve o habitual período na sala de espera, a atitude importante assumida pelo médico – ele conhecia bem aquele ar de dignidade profissional; ele próprio o adotava no Tribunal –, os exames e as perguntas que exigiam respostas que levavam a conclusões óbvias e obviamente desnecessárias e o olhar grave, que queria dizer: “Deixe tudo conosco e nós resolveremos as coisas, nós sabemos tudo do assunto e podemos resolvê-lo para você, como faríamos com qualquer outra pessoa”. O procedimento todo era igual ao dos Tribunais. Os ares que ele adotava no Tribunal em benefício do prisioneiro, o médico adotava agora em relação a ele.

O médico disse-lhe que este e aquele sintoma indicavam que isto ou aquilo iam mal com o paciente por dentro, mas se esse diagnóstico não fosse confirmado pelos exames clínicos disto ou daquilo, então chegaremos a esta ou aquela conclusão. Se chegarmos a esta ou aquela conclusão, então... e assim por diante. Para Ivan Ilitch só importava saber uma coisa: o seu caso era sério ou não era? Mas o médico ignorou essa pergunta tão fora de propósito. Do ponto de vista do médico tratava-se de um detalhe que não merecia ser levado em consideração: o problema realmente era avaliar todas as probabilidades e decidir entre um rim flutuante ou apêndice. Não era uma questão de Ivan Ilitch viver ou morrer, mas de decidir se era rim ou apêndice. E nesse caso o médico inclinava-se mais em favor do apêndice, com a ressalva de que a análise da urina poderia indicar uma pista totalmente nova e então toda a questão teria de ser reavaliada. Tudo isso era, em menor proporção, exatamente o que Ivan Ilitch fizera de modo tão brilhante mil vezes ao lidar com as pessoas no Tribunal. O médico concluiu tudo brilhantemente, olhando triunfante por sobre os óculos para o acusado. A partir da fala do médico, Ivan Ilitch concluiu que as coisas não estavam bem, mas que para o médico e provavelmente para todas as outras pessoas isso não faria a menor diferença, enquanto que para ele era simplesmente terrível. E essa conclusão foi dolorosa, despertando-lhe um grande sentimento de autopiedade, e de amargura em relação ao médico que não se importava nem um pouco com uma questão tão importante.

Mas não disse nada, levantou, colocou o dinheiro da consulta em cima da mesa e falou com um suspiro:

– Nós, os doentes, sem dúvida fazemos muitas vezes perguntas inadequadas. Mas, diga-me, de modo geral, assim por cima, esses sintomas lhe parecem graves ou não?

O médico olhou-o severamente por cima do monóculo, como se dissesse: “Pedimos ao réu que se atenha a responder o que lhe foi perguntado ou serei obrigado a fazer com que o retirem da sala”.

– Eu já lhe disse tudo que julgava necessário dizer – respondeu o médico –, os exames devem dar mais detalhes. – E indicou-lhe a porta.

Ivan Ilitch saiu devagar, sentou-se desanimado no trenó e foi para casa. Durante todo o percurso repassava em sua mente as palavras do médico, tentando traduzir todas aquelas frases complicadas, obscuras, científicas, em linguagem normal, tentando encontrar nelas a resposta para a pergunta: “Estarei mal, realmente muito mal ou, ao final das contas, isso não é nada?”. E tinha a impressão de que a conclusão de tudo o que o médico dissera era de que sim, ele *estava* realmente muito mal. Tudo na rua parecia-lhe deprimente, os trenós pareciam sem vida, assim como as casas, as pessoas que passavam na rua, as lojas. E essa dor, essas fisgadas de dor que ele não conseguia identificar e que não cessavam um segundo sequer pareciam, se associadas às enigmáticas palavras do médico, ter adquirido um significado novo e muito mais sério com essa nova consciência de sua desgraça. Ivan Ilitch agora não conseguia mais desviar dela sua atenção.

Quando chegou em casa, começou a falar sobre isso com sua esposa. Ela o escutava mas, no meio do seu relato, sua filha entrou de chapéu, pronta para saírem. Um tanto relutante, ela meio que sentou para ouvir a enfadonha narrativa, mas não conseguiu controlar sua impaciência por muito tempo, e Praskovya Fiodorovna também não o escutou até o fim.

– Bem, fico muito contente! – disse ela. – Você deve se cuidar daqui por diante e tomar os remédios regularmente. Me dê a receita, vou mandar Gerassim até o farmacêutico.

Ele mal havia conseguido tomar fôlego enquanto ela estava na sala e deu um profundo suspiro quando ela se foi.

“Bem”, falou consigo mesmo, “talvez não seja nada, afinal.”

Começou a tomar o remédio e seguir as instruções do médico, as quais foram alteradas depois do exame de urina. Mas foi justamente nesse fato que se originou uma conclusão ligada à análise e o que deveria ter sido feito a partir daí. O médico naturalmente não podia ser responsabilizado, mas o fato era que as coisas não se passaram como o médico lhe disse que se passariam. Ou havia esquecido algo ou feito alguma bobagem ou estava-lhe escondendo alguma coisa.

Apesar de tudo, Ivan Ilitch ainda continuava a seguir as ordens médicas e no início encontrava algum conforto nisso.

Desde a primeira consulta ao médico a principal ocupação de Ivan Ilitch passara a ser seguir atentamente suas ordens no que se referia à higiene e aos medicamentos e observar atentamente os sintomas de sua doença, bem como o funcionamento geral de seu corpo. Seu principal interesse passou a ser justamente a doença e a saúde das outras pessoas. Quando alguém mencionava doenças, mortes ou curas em sua presença, especialmente se os sintomas se parecessem com os seus, ouvia a tudo atentamente, tentando disfarçar sua agitação, fazer perguntas e aplicar o que ouvira ao seu próprio caso.

A dor não diminuía, mas Ivan Ilitch fazia grandes esforços para acreditar que estava melhor. E até conseguia convencer-se disso, desde que nada acontecesse que o deixasse perturbado. Mas bastava que houvesse o menor aborrecimento com a esposa, ou sofresse qualquer contrariedade no Tribunal ou lhe caíssem cartas ruins no jogo e ele tornava-se de uma hora para outra extremamente sensível à sua doença. Em outra época ele teria suportado esses contratempos, esperando corrigir em seguida o que estava errado, superá-los e sair-se bem de tudo. Mas agora qualquer revés aborrecia-o e fazia-o afundar no desespero. Dizia-se coisas como: “Foi só eu me sentir um pouco melhor, o remédio começou a fazer efeito, que me acontece isso... é muito azar mesmo...”. E explodia contra sua má sorte ou contra as pessoas que estavam causando-lhe tal decepção e matando-o aos poucos. E ele tinha consciência de como esses ataques passionais o estavam matando, mas não conseguia conter-se. Qualquer um pensaria ser óbvio para ele que exasperar-se assim com as circunstâncias e com as pessoas só agravaria sua doença e que portanto ele não deveria dar atenção a esses incidentes desagradáveis. Mas ele concluía exatamente o contrário: convencera-se de que precisava de paz e estava atento às mínimas coisas que pudessem perturbar essa paz, tomando-se de raiva ao menor movimento nessa direção. Seu estado agravava-se pelo fato de ler livros de medicina e consultar vários médicos. O progresso de sua doença era tão mínimo que, ao comparar um dia com o outro, seria capaz de enganar-se, tão sutil era a diferença. Mas quando consultava os médicos tinha a impressão de estar piorando rapidamente, assustadoramente, a cada dia. Ainda assim, ele continuava consultando médicos.

Naquele mês foi consultar outra celebridade. Essa celebridade disse exatamente o mesmo que a primeira, sendo que ele elaborou as perguntas de modo diferente e a entrevista com essa celebridade apenas fez redobrar nele as dúvidas e os temores. Depois, um amigo de um amigo seu, um médico muito bom, deu outro diagnóstico para sua doença e, embora previsse que ele acabaria por se curar, suas perguntas e hipóteses confundiram-no ainda mais e aumentaram seu

ceicismo. Um homeopata fez ainda um diagnóstico diferente e deu-lhe um remédio que ele tomou escondido por uma semana, mas, no final, não tendo sentido alívio algum e tendo perdido a confiança tanto nos remédios anteriores quanto nesse novo tratamento, acabou ficando ainda mais desanimado do que antes. Um dia, uma conhecida sua mencionou uma cura através de meios milagrosos. Ivan Ilitch flagrou-se ouvindo atentamente e começando a acreditar na história como algo concreto. Este incidente assustou-o. “A minha cabeça terá degenerado a esse ponto?”, perguntava-se. “Todas essas bobagens, esse lixo...! Não devo me deixar impressionar, mas sim escolher um médico e seguir seriamente o tratamento que ele me der. É isso que eu vou fazer. Está decidido. Não vou mais pensar nisso, só seguir o tratamento até o verão e então veremos. De agora em diante, nada de vacilações!” Isso tudo era fácil de dizer, mas impossível de colocar em prática. A dor no lado preocupava-o e parecia ficar mais forte e mais freqüente, enquanto que o gosto em sua boca era cada vez mais estranho. Tinha a sensação de estar sempre com mau hálito e seu apetite e sua força diminuía gradativamente. Não podia mais se iludir, alguma coisa terrível, nova e importante, mais importante do que tudo o que já acontecera em sua vida, estava se passando dentro dele, alguma coisa da qual só ele estava a par. As pessoas em volta dele não entendiam, recusavam-se a entender e acreditavam que tudo no mundo continuava igual. Essa idéia atormentava-o mais do que qualquer outra coisa. Via que todos os que o rodeavam, especialmente sua esposa e filha, tão absorvidas por compromissos sociais, não só não tinham um pingote de compreensão, como ainda se irritavam com ele por andar tão deprimido e exigente, como se a culpa fosse sua. Por mais que tentassem disfarçar ele via que estava atrapalhando-lhes o caminho. Sua esposa havia adotado uma atitude em relação a sua doença, fixara-se nela e não se importava com o que ele dissesse ou fizesse.

– Você sabe – ela costumava dizer para os amigos –, Ivan Ilitch não consegue fazer como as outras pessoas e seguir o tratamento prescrito pelo médico. Um dia ele toma os remédios, mantém a dieta e vai para a cama na hora certa, mas no outro, se não sou eu a me preocupar, ele esquece dos remédios, come caviar – que o médico proibiu – e senta-se a jogar cartas até a uma da manhã.

– Ah, o que é isto? Quando foi que eu fiz isso? – ele perguntava irritado. – Só uma vez na casa de Piotr Ivanovich.

– Ah, é? E ontem na casa de Shebek?

– Qual é a diferença? Eu não teria dormido mesmo por causa da dor...

– Que seja, mas desse jeito você não fica bom e nos faz infelizes.

A atitude de Proskovya Fiodorovna em relação à doença de Ivan Ilitch, que ela expressava abertamente, insinuava que toda a doença era culpa dele próprio e só mais um dos tantos aborrecimentos que ele costumava causar à esposa. Ivan Ilitch percebia que ela deixava escapar isso tudo sem se dar conta, mas nem por isso doía-lhe menos.

No Tribunal também Ivan Ilitch percebeu, ou imaginou perceber, o mesmo tipo de atitude. Certa ocasião pareceu-lhe que as pessoas o estavam observando com ar curioso, como quem observa alguém que vai, muito brevemente, deixar o seu posto. Depois, de uma hora para outra, seus amigos tentavam brincar por causa de seu estado de nervos, como se aquele pesadelo que vivia dentro dele, atormentando-o e sugando-o incessantemente, fosse o assunto mais excitante do mundo para se fazer graça. Schwartz irritava-o em especial, com seu alto-astral, sua vitalidade e perfeição, fazendo-o lembrar do que ele próprio fora dez anos antes.

Os amigos apareciam para jogar, sentavam-se à mesa de jogo, distribuíam as cartas, dobrando as novas para amaciá-las. Separava os ouros e via que tinha sete. Seu parceiro dizia: “Nenhum trunfo?”, e ele passava-lhe dois ouros. Podia haver coisa melhor? Poderia ser divertido e animado – fariam um *grand slam*. E de uma hora para outra Ivan Ilitch lembra-se daquela dor insistente, sente aquele gosto na boca e parece-lhe grotesco que, em tais circunstâncias, ele possa ter qualquer prazer em um *grand slam*. Olhava para seu parceiro Mihail Mihailovich dando batidinhas na mesa com suas mãos seguras e, ao invés de jogar as cartas na mesa, como fazia, empurrava-as delicadamente na direção de Ivan Ilitch de modo que ele pudesse pegá-las sem muito esforço. “Será que ele pensa que eu estou tão fraco que não posso nem esticar meu braço?”, pensa Ivan Ilitch e esquece as cartas mais altas e usa as cartas do parceiro e perde a grande jogada por três pontos. E o mais terrível é notar o quanto Mihail Mihailovich ficou aborrecido, enquanto que ele próprio não liga a mínima. E é horrível pensar na razão pela qual ele não se importa.

Todos notam que ele está com dor e dizem que, se ele está cansado, podem dar uma parada. Ele poderia deitar um pouco. Deitar? Não. Ele não está nem um pouco cansado. E terminam a partida, em silêncio, melancólicos. Ivan Ilitch sente que é ele quem faz com que se sintam assim e não consegue desligar-se disso.

Eles ceiam e a festa termina. Ivan Ilitch fica sozinho, consciente de que sua vida está envenenada e de que está envenenando a dos outros e de que esse veneno não está perdendo sua força mas, ao contrário, entranhando-se cada vez mais dentro de seu ser.

E é com essa certeza, mais a dor física e mais o terror que ele vai para cama, para na maioria das vezes ficar ali acordado, sentindo dor a maior parte da noite. E de manhã ele precisa levantar, vestir-se, ir para o Tribunal, falar, escrever ou, se não sair, ficar em casa as vinte e quatro horas do dia, o que significa vinte e quatro horas de tortura. E assim ele tinha de viver, à beira do precipício, sozinho, sem uma alma que o entendesse e dele tivesse compaixão.

Assim se passaram os meses, um depois do outro. Um pouco antes do Ano-Novo seu cunhado chegou na cidade para ficar uns dias com eles. Ivan Ilitch estava no Tribunal. Praskovya fora às compras. Ao chegar em casa, entrando em seu escritório, encontrou lá o cunhado, um homem saudável, corado, desfazendo ele mesmo sua mala. O homem levantou a cabeça ao ouvir os passos de Ivan Ilitch e por um segundo olhou-o sem dizer uma palavra. Aquele olhar dizia tudo. Seu cunhado chegou a abrir a boca, mas conteve-se e esse gesto foi o suficiente.

– Mudei muito, não é?

– Sim... há uma mudança...

E depois disso, por mais que ele tentasse trazer seu cunhado de volta ao que estava fazendo, este continuava teimosamente em silêncio. Praskovya chegou e foram juntos para o quarto, ela e o irmão. Ivan Ilitch trancou a porta e pôs-se a examinar-se no espelho, primeiro de frente e depois de perfil. Pegou uma fotografia sua com sua esposa e comparou-a com o que via no espelho. A diferença era enorme. Depois arregaçou as mangas até os cotovelos, olhou para os braços, baixou-as novamente, sentou-se no baú e sentiu sua alma negra como a noite.

“Não, não pode ser assim”, disse para si mesmo. Levantou-se, foi para a mesa, abriu um documento oficial e começou a ler, mas não conseguiu continuar. Abriu a porta e foi para a sala de visita. A porta estava fechada. Ele aproximou-se pé ante pé e pôs-se a escutar.

– Não, você está exagerando – dizia Praskovya Fiodorovna.

– Exagerando? Ora, você mesma pode ver – ele está morto! Veja os olhos dele – não têm mais nenhuma luz. Mas afinal o que é que ele tem?

– Ninguém sabe. Nikolayev (um dos médicos) disse qualquer coisa, mas eu não sei o quê. Leshchetitsky (um famoso especialista) disse o contrário.

Ivan Ilitch foi para o seu quarto, deitou-se e pôs-se a pensar: “O rim, um rim flutuante”. Ele lembrava tudo o que os médicos haviam dito, de como o rim havia se desprendido e estava boiando. E, num esforço de imaginação, tentou pegar aquele rim, prendê-lo e firmá-lo. Parecia ser tão fácil. Não. Vou visitar Piotr Ivanovich outra vez (este era um amigo que tinha um amigo que era médico). Tocou a sineta, pediu que preparassem o trenó e aprontou-se para sair.

– Aonde é que você vai, *Jean*? – perguntou a esposa com um tom melancólico pouco usual e uma expressão estranhamente gentil.

Essa desconhecida gentileza encheu-o de fúria. Olhou-a seriamente.

– Vou ver Piotr Ivanovich!

E foi até a casa do amigo que por sua vez tinha também um amigo que era médico e juntos foram ao consultório deste. Encontrando-o lá, Ivan Ilitch teve uma longa conversa com ele.

Recapitulando os detalhes físicos e psicológicos do que na opinião do médico estava se passando dentro dele, pôde entender tudo.

Havia só um probleminha – sem nenhuma importância – no apêndice. Tudo ficaria bem. Era estimular um órgão que não estava trabalhando direito, examinar o outro e tudo daria certo.

Chegou um pouco atrasado para o jantar. Comeu e falou animadamente, mas demorou um bom tempo até que se decidisse a voltar para o trabalho em seu escritório. Finalmente foi e em seguida sentou-se a examinar papéis, leu documentos legais e trabalhou neles, mas o tempo todo

havia aquela sensação de que colocara de lado alguma coisa – um assunto pessoal, importante – para a qual voltaria assim que terminasse o que estava fazendo. Quando terminou, lembrou que esse assunto pessoal era seu apêndice. Mas resolveu não se entregar, foi para a sala tomar chá. Havia visitas, entre eles o magistrado examinador, considerado um bom partido para sua filha, e eles estavam conversando, tocando piano e cantando. Ivan Ilitch, como bem notou Praskovya, passou a noite em melhor humor do que em outras ocasiões, mas em nenhum momento esqueceu que havia esse assunto importante relativo a seu apêndice para ser analisado. Às onze horas despediu-se e foi para a cama. Desde que adoecera passara a dormir sozinho em um pequeno quarto junto do escritório. Trocou de roupa e pegou o livro de Zola que estava lendo, mas, em vez de ler, pegou-se a pensar. E na sua imaginação dava-se aquela tão desejada melhora nos intestinos. Secreção e evacuação eram estimuladas, as atividades normais eram restabelecidas. “Sim, é isto!”, pensou. “As pessoas só têm que ajudar a natureza, isso é tudo!” Lembrou-se do remédio, sentou-se, engoliu e deitou novamente de costas, aguardando que o remédio fizesse efeito e parasse a dor. “Tudo o que tenho a fazer é tomar o remédio regularmente e evitar excessos. Ora, eu já estou melhor, muito melhor!” Examinou o lado e não sentiu dor ao tocá-lo. “Não está sensível. Já está muito melhor.” Apagou a luz e virou-se... “O apêndice está se ajeitando, já está havendo secreção...” Mas, subitamente, sentiu a velha, familiar e insistente dor, a mesma fisgada, constante, teimosa, terrível. Na sua boca, o mesmo gosto desagradável, tão familiar. Seu coração se apertou, sua cabeça girou. “Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!”, murmurou. “Lá vem ela outra vez! Nunca vai parar!” E então, de repente, como num clarão, o problema se apresenta pela primeira vez de uma forma bem diferente. “Apêndice! Rim!”, ele pensava. “Ora, não é uma questão de apêndice ou rim, mas de vida... ou de morte. Sim. Havia vida, e agora ela está indo embora, esvaindo-se, e eu não tenho condições de detê-la. Claro! Por que me enganar? Está claro para mim que eu estou morrendo e que é só uma questão de semanas, de dias... pode acontecer nesse exato momento. Havia luz e agora há escuridão. Eu estava aqui e agora estou indo embora. Mas para onde?” Um calafrio percorreu seu corpo, a respiração ficou ofegante e ele só conseguia ouvir o coração disparando.

“Não existirei mais e então o que virá? Não haverá nada. Onde estarei quando não existir mais? Será isso morrer? Não. Eu não vou aceitar isso!” Levantou-se e tentou acender a vela com as mãos trêmulas. Deixou cair vela e castiçal no chão e atirou-se outra vez à cama. “De que adianta? Que diferença faz?”, perguntava-se fixando, com olhos arregalados, a escuridão. “Morte. Sim, morte. E nenhum deles entende, ou quer entender. E não sentem pena nenhuma de mim. Estão todos se divertindo.” (Podia ouvir, mesmo com a porta fechada, distante, a cadência de uma música e seu acompanhamento.) “Eles não se importam. No entanto eles também vão morrer. Idiotas! A única diferença é que acontecerá um pouquinho mais cedo para mim e um pouquinho mais tarde para eles. Só isso. Mas a vez deles vai chegar. Agora, porém, estão se divertindo. Insensíveis!” A raiva cortava-lhe a respiração. Sentia-se insuportavelmente infeliz. “Não pode ser que todos os homens sejam sempre condenados a passar por esse horror!” Levantou-se.

“Não vou continuar assim. Tenho que me acalmar, pensar em tudo o que aconteceu desde o começo!” E começou a refletir. “Sim, o começo da minha doença. Dei uma batida de lado, mas ainda estava bem naquele dia e no seguinte. Machucou um pouco, depois piorou. Depois fui consultar os médicos, depois veio a depressão, infelicidade e mais médicos e o tempo todo eu ia

me aproximando, sem saber, cada vez mais desse abismo. Comecei a enfraquecer. Cada vez mais perto! E agora estou definhando e não há mais luz nos meus olhos. A morte está ao meu lado e eu pensando em apêndice! Pensando em como fazer funcionarem os intestinos, enquanto a morte bate à minha porta. Mas será isso realmente a morte?” Sentiu o terror tomar conta outra vez e respirou com dificuldade. Sentou-se para procurar os fósforos, bateu com o cotovelo na mesa de cabeceira, descontrolou-se e virou a mesa com raiva. Desesperado e sem fôlego, deixou-se cair esperando a morte naquele momento.

Enquanto isso as visitas se despediam. Praskovya Fiodorovna levava-os até a porta, quando ouviu um barulho e entrou.

– O que aconteceu?

– Nada. Fui eu que derrubei isto sem querer.

Ela saiu e voltou com uma vela. Ele ficou deitado, com a respiração pesada, como quem acabou de correr uma milha, olhando-a fixamente.

– O que foi, *Jean*?

– Naada. Eu que virei...! – (“Por que falar sobre isso? Ela não vai entender”.)

E realmente ela não entendia. Pegou a vela, acendeu-a para ele e saiu apressada para se despedir de outro convidado. Quando voltou ele continuava deitado, na mesma posição, fixando o teto.

– O que houve? Está se sentindo pior?

– Sim!

Ela sacudiu a cabeça e sentou.

– Sabe, *Jean*, acho que deveríamos chamar Leshchetitsky até aqui.

Isto significava mandar buscar o famoso especialista, sem se preocupar com a despesa. “Não”, respondeu, sorrindo maldosamente. Ela ficou mais um tempo sentada, depois aproximou-se dele e beijou sua testa.

Enquanto ela o beijava, ele odiou-a do fundo de sua alma e foi com dificuldade que conseguiu conter-se para não empurrá-la.

– Boa-noite. Se Deus quiser, você dormirá bem!

– Sim.

Ivan Ilitch via que estava morrendo e desesperava-se.

No fundo do coração sabia que estava indo embora e, longe de acostumar-se com a idéia, simplesmente não conseguia entendê-la.

O exemplo de um silogismo que aprendera na *Lógica* de Kiezewetter, “Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal”, parecera-lhe a vida toda muito lógico e natural se aplicado a Caio, mas certamente não quando aplicado a ele próprio. Que Caio, ser abstrato, fosse mortal estava absolutamente correto, mas ele não era Caio, nem um ser abstrato. Não: havia sido a vida toda um ser único, especial. Fora o pequeno Vanya, com mamãe e papai e Mita e Volodya, com brinquedos e um tutor e uma babá; e mais tarde com Kátia e todas as alegrias e prazeres da infância, da adolescência e da juventude. O que sabia Caio do cheiro da bola de couro de que Vanya tanto gostava? Por acaso era Caio quem beijava a mão de sua mãe e escutava o suave barulho da seda de suas saias? Foi por acaso Caio quem se envolveu em protestos quando estudante de Direito? Foi Caio quem se apaixonou? Quem presidiu sessões como ele?

E Caio certamente era mortal e era mais do que justo que morresse, mas ele, o pequeno Vanya, Ivan Ilitch, com todos os seus pensamentos e emoções, é completamente diferente. Não pode ser verdade, isto seria terrível demais.

Era assim que se sentia por dentro.

“Se eu tinha que morrer, assim como Caio, deveriam ter-me avisado antes. Uma voz dentro de mim desde o início deveria ter-me dito que seria assim. Mas não havia nada em mim que indicasse isso; eu e todos os meus amigos sabíamos que no nosso caso seria diferente. E eis que agora... Não... não pode ser e no entanto é assim! Como entender isso?”

E não conseguia compreender e tentava desviar seus mórbidos e desesperançados pensamentos e substituí-los por outros mais razoáveis, mais saudáveis, mas a idéia – e não apenas a idéia, mas a realidade tal qual se apresentava – voltava a todo momento para enfrentá-lo.

E ele buscava outros pensamentos para pôr no lugar desses, um depois do outro, na esperança de encontrar alento. Tentou voltar a antigos pensamentos que no passado o haviam protegido contra a idéia da morte. Mas, estranhamente, tudo aquilo que antes costumava encobrir, obscurecer e destruir o sentimento de morte já não fazia mais o mesmo efeito. Ivan Ilitch passava agora a maior parte do seu tempo nessas tentativas de reencontrar a antiga proteção mental que mantinha a morte fora de sua vista. Dizia-se a toda hora: “Vou retomar minhas atividades – afinal de contas eu vivia para o meu trabalho!”. E afastando todas as dúvidas, ia para o Tribunal, começava a conversar com seus colegas e sentava em sua cadeira com ar distraído, como era de hábito. Observava as pessoas com olhar pensativo e, descansando suas mãos magras no braço da cadeira, como sempre fazia, inclinava-se para um colega e, puxando os papéis para perto de si, sussurravam trocando impressões e então, subitamente levantando os olhos e endireitando-se na cadeira, pronunciava as tradicionais palavras que davam início à sessão. Mas, abruptamente, no meio disso tudo, a dor no lado, não importando a etapa do trabalho em que se encontrasse, surgia e impunha-se. Ivan Ilitch, assim que tomava consciência dela, tentava desviar o pensamento, mas ela resistia, teimosa. A dor chegava e postava-se frente a ele,

olhando-o, afrontando-o, e ele enrijecia de pavor, a visão escurecia e perguntava-se se *ela*, a dor, existia realmente. E seus colegas e subordinados notavam com surpresa e pesar que ele, o juiz brilhante e arguto, estava se confundindo e cometendo erros. Tentava se recompor e recuperar o controle e conseguia, de alguma forma, encerrar a sessão, e voltava para casa com a triste certeza de que o trabalho já não podia, como antigamente, esconder dele o que queria que ficasse escondido e que suas atividades não podiam, definitivamente, livrá-lo *dela*! E pior do que tudo, *ela* chamava constantemente sua atenção, não para fazê-lo tomar alguma providência, mas simplesmente para fazê-lo olhar direto no seu rosto e, sem poder fazer nada, sofrer, sofrer indescritivelmente.

E para tentar salvar-se desse estado de espírito, Ivan Ilitch procurava alívio – novos abrigos – e encontrava proteções que por um momento pareciam salvá-lo, mas em seguida mostravam-se ineficazes, como se *ela* penetrasse em todos eles e nada pudesse tirá-la dali.

Algumas vezes, já tarde, ele ia até a sala de visitas que ele próprio havia mobiliado e decorado – aquela sala de visitas onde houve a queda por culpa da qual (e como isso lhe parecia irônico) estragara toda sua vida, pois sabia que sua doença se originara daquele machucado. Entrava na sala e, notando que havia algum arranhão na mesa, procurava logo a causa e via que era a capa de bronze de um álbum fora do lugar. Pegava o valioso álbum que havia arrumado com tanto carinho e irritava-se com sua filha e as amigas por sua falta de cuidado – aqui e ali havia uma página rasgada ou uma fotografia de cabeça para baixo. Colocava tudo em ordem e punha o álbum de volta no lugar.

De repente ocorria-lhe mudar todos os álbuns de lugar e colocá-los no canto da sala onde estavam as plantas. Chamava o empregado, mas quem vinha em seu socorro era sua mulher ou sua filha, que nunca concordavam com ele, contrariavam-no e ele discutia e acabava se irritando. Mas estava tudo bem, desde que ele não pensasse *nela*. *Ela* não estava ali.

Mas bastava sua esposa dizer, assim que o via carregar ele mesmo alguma coisa: “Deixe que os empregados fazem isso, você vai se machucar outra vez” e imediatamente *ela* punha os olhos para dentro do abrigo que o protegia. Ele podia vê-la. *Ela* só dera uma espiada e ele tinha esperanças de que desaparecesse, involuntariamente. Via-se esperando por *ela* – e lá estava, a mesma de antes, doendo, doendo o tempo todo e agora já não podia esquecer-la e *ela* o olha atentamente por detrás das flores. “De que adianta isso tudo?”

“E a verdade é que perdi minha vida aqui, perto daquela cortina, assim como poderia tê-la perdido invadindo um forte. Dá para acreditar? Que coisa terrível! É ridículo! Não pode ser! Não pode ser, mas é!”

Ele então ia para seus aposentos, deitava-se e outra vez ficava a sós com *ela*. Cara a cara com *ela*. E não havia nada que ele pudesse fazer com *ela*, a não ser olhar e estremecer.

É impossível dizer como tudo aconteceu, porque deu-se aos poucos, passo a passo, imperceptivelmente, mas no terceiro mês da doença de Ivan Ilitch, sua esposa, sua filha, seu filho, os empregados, os conhecidos, os médicos e acima de tudo ele próprio tinham consciência de que toda a consideração que ele podia ter pelas outras pessoas concentrava-se em um único ponto: saber quando ele afinal partiria e libertaria finalmente os vivos do constrangimento de sua presença e a si próprio de seu sofrimento.

Passou a dormir cada vez menos; deram-lhe ópio e passaram a aplicar-lhe injeções de morfina, mas nada dava-lhe alívio. A angústia surda que experimentava naquele estado semi-entorpecido, no início, trouxe-lhe certo alento pela mudança, mas logo tornou-se tão angustiante quanto a própria dor, ou até mais.

Preparavam-lhe comidas especiais, seguindo as ordens médicas, mas esses pratos pareciam-lhe cada vez mais sem gosto, cada vez mais enjoativos.

Medidas especiais também tiveram de ser tomadas para ajudar na sua evacuação, o que era um constante sofrimento para ele; sofrimento pela sujeira, pela inconveniência e pelo cheiro e por saber que outra pessoa tinha de ajudar.

No entanto, esse mesmo inconveniente foi o que trouxe a Ivan Ilitch algum conforto. Gerassim, o criado que servia a mesa, era quem vinha sempre limpá-lo.

Gerassim era um camponês jovem e limpo, que crescera forte, graças à comida local, e estava sempre bem-disposto. No início a imagem do rapaz nas suas roupas limpas de camponês, envolvido naquela tarefa repugnante, deixava-o embaraçado.

Houve uma vez em que, levantando-se da privada, de tão fraco que estava não conseguiu erguer suas calças. Sentou-se em uma cadeira baixa e olhou com horror suas fracas coxas nuas, com os magros músculos nelas desenhados.

Gerassim entrou com seus passos leves mas firmes, espalhando um agradável aroma de terra que vinha de suas botas e do ar fresco do inverno. Vestia um avental limpinho de tecido rústico e uma limpa camisa de algodão com as mangas arregaçadas sobre seus fortes e jovens braços nus, e sem olhar para Ivan Ilitch – por consideração pelos sofrimentos do doente –, disfarçando a alegria de viver que brilhava em seu rosto, foi até a privada.

– Gerassim – chamou Ivan Ilitch com voz fraca.

O jovem ergueu-se, temendo ter feito alguma coisa errada e, com um suave movimento, virou na direção do inválido seu rosto fresco, calmo, simples e jovem, no qual uma barba apenas começava a brotar.

– Senhor?

– Isto tudo deve ser muito desagradável para você. Desculpe-me. Não posso fazer nada!

– O que é isto, senhor! – E seus olhos brilham num sorriso de dentes brancos e jovens. – Não me custa nada. É um caso de doença. O que se vai fazer?

E com mãos habilidosas executou sua tarefa rotineira e saiu do quarto pisando suavemente, retornando cinco minutos depois, tão suavemente quanto saíra.

Ivan Ilitch continuou sentado na mesma posição naquela cadeira.

– Gerassim – chamou de novo quando este já havia feito a limpeza –, por favor, venha me

ajudar! – Gerassim foi até ele. – Levante-me. É difícil sozinho e eu dispensei o Dimitri!

Gerassim foi até ele e, com a mesma delicadeza com que andava, pôs seus braços fortes ao seu redor, ergueu-o delicadamente e amparou-o com uma mão, enquanto com a outra erguia suas calças e já ia colocá-lo na cadeira novamente quando Ivan Ilitch pediu para ser levado até o sofá. Sem esforço e sem dar a impressão de que segurava com firmeza, levou-o quase carregado para o sofá e o acomodou.

– Obrigado, você faz tudo tão bem e com tanto cuidado...!

Gerassim sorriu outra vez e virou-se para sair. Mas Ivan Ilitch sentia tanto conforto em sua presença que não queria deixá-lo ir.

– Só mais uma coisa. Coloque aquela cadeira perto de mim, por favor. Não, a outra, sob os meus pés. Sinto-me mais confortável com os pés para cima!

Gerassim trouxe a cadeira, colocou-a no lugar e pôs as pernas de Ivan Ilitch em cima dela. Ivan Ilitch tinha a impressão de sentir-se mais calmo enquanto Gerassim levantava suas pernas.

– Com as pernas para cima é melhor. Coloque aquela almofada aqui embaixo.

Gerassim foi lá e outra vez ergueu suas pernas para colocar embaixo a almofada e novamente Ivan Ilitch notou o quanto se sentia melhor quando Gerassim segurava suas pernas. Quando ele as largava Ivan Ilitch tinha a sensação de piorar.

– Gerassim, você está muito ocupado agora?

– Absolutamente, senhor! – respondeu Gerassim, que aprendera com os empregados da cidade a como falar com os bem-nascidos.

– O que é que você ainda tem para fazer?

– O que eu tenho para fazer? Eu já fiz tudo. Só falta cortar a lenha para amanhã!

– Então levante as minhas pernas um pouco mais, pode ser?

– Claro que sim – e Gerassim ergueu as pernas de seu patrão mais para cima e Ivan Ilitch teve a impressão de que nessa posição não sentia absolutamente nenhuma dor.

– Mas e a lenha?!

– Não se preocupe com isso, senhor. Há tempo.

Ivan Ilitch pediu a Gerassim que sentasse e segurasse suas pernas e começou a conversar com ele. E curiosamente parecia-lhe sentir-se mais confortado pelo fato de Gerassim estar segurando suas pernas.

Depois disso, muitas vezes Ivan Ilitch chamava Gerassim e pedia que colocasse suas pernas sobre seus ombros e sentia prazer em conversar com ele. Gerassim fazia tudo calmamente de boa vontade, com simplicidade e uma bondade que comoviam Ivan Ilitch. Nas outras pessoas, saúde, força e vitalidade ofendiam-no, mas a força e a vitalidade de Gerassim, ao contrário de aborrecê-lo, transmitiam-lhe calma.

O que mais atormentava Ivan Ilitch era o fingimento, a mentira, que por alguma razão eles todos mantinham, de que ele estava apenas doente e não morrendo e que bastava que ficasse quieto e seguisse as ordens médicas que ocorreria uma grande mudança para melhor. Mas ele sabia que nada do que eles fizessem teria outro resultado que não mais agonia, mais sofrimento e a morte. E a farsa desgostava-o profundamente: atormentava-o o fato de que se recusassem a admitir o que eles e ele próprio bem sabiam, mas insistiam em ignorar e forçavam-no a participar da mentira. Esse fingimento que se estabeleceu em torno dele até a véspera de sua morte, essa mentira que só fazia colocar no mesmo nível o solene ato de sua morte, suas visitas,

suas cortinas, seu caviar para o jantar... eram-lhe terrivelmente dolorosos.

E muitas vezes, quando estavam encenando sua farsa para o bem dele, achavam, ele por pouco não se punha a gritar: “Parem de mentir! Vocês sabem, eu sei e vocês sabem que eu sei que estou morrendo. Portanto, pelo menos parem de mentir sobre o fato!”. Mas nunca chegou a ter coragem para isso. O horrível, terrível ato de sua morte, ele via, estava sendo reduzido por aqueles que o rodeavam ao nível de um acidente fortuito, desagradável e um pouco indecente (mais ou menos como se comportam com alguém que entra em uma sala de visitas cheirando mal), e agiam assim em nome do mesmo decoro ao qual ele próprio subjugara-se a vida inteira. Notava que ninguém se compadecia dele porque ninguém estava com disposição nem mesmo de pensar em sua situação. Gerassim era a única pessoa que entendia o que ele estava passando e lamentava por ele, e por isso Ivan Ilitch só sentia-se bem em sua presença. Sentia-se confortado quando Gerassim levantava suas pernas – às vezes a noite toda – e recusava-se a ir dormir, dizendo: “Não se preocupe, senhor. Eu posso dormir o suficiente mais tarde”. Ou subitamente tropeçava no linguajar de camponês e dizia *ocê* ao invés de *você* e acrescentava: “Se *ocê* não tivesse doente era outra coisa, mas nessa situação era estranho se eu não servisse *ocê*!”. Gerassim era o único que não mentia, estava claro que só ele entendia a situação e não achava necessário disfarçá-la e simplesmente tinha pena do patrão doente, à beira da morte. Uma vez, quando Ivan Ilitch queria mandá-lo dormir, chegou a dizer diretamente:

– Nós todos vamos morrer, portanto, o que custa um pouco de esforço? – querendo dizer que não se importava com o trabalho extra porque o estava fazendo para alguém que estava morrendo e esperava que alguém fizesse o mesmo por ele quando chegasse sua hora.

Além de toda a mentira, ou talvez por causa dela, a pior coisa para Ivan Ilitch era ver que ninguém tinha pena dele, como precisava que tivessem. Em alguns momentos, depois de um período prolongado de sofrimento, desejava, mais do que outra coisa – envergonhava-se de confessá-lo –, alguém que sentisse pena dele como se tem pena de uma criança doente. Ansiava ser cuidado e beijado como as crianças são cuidadas e confortadas quando doentes. Sabia que era um funcionário importante com uma barba que começava a ficar grisalha e portanto era impossível o que queria, mas mesmo assim era o que desejava de verdade. E na atitude de Gerassim para com ele havia algo desse tipo, por isso sentia tanto conforto em sua presença. Ivan Ilitch sente vontade de chorar e de ter alguém que o conforte e chore com ele, mas eis que entra seu colega Shebeke, ao invés de chorar e ser confortado, assume um ar grave, sério, profundo e, por força do hábito, vê-se expressando sua opinião sobre uma decisão do Tribunal de Apelação e, obstinadamente, insistindo no assunto. Essa falsidade em volta e até mesmo dentro dele, mais do que qualquer outra coisa, envenenou os últimos dias de Ivan Ilitch.

Era de manhã. Ele sabia que era de manhã porque Gerassim já se fora e Piotr, o outro criado, havia entrado, apagado as velas e puxado uma das cortinas. Começou a arrumar o quarto em silêncio. Se era manhã ou noite, sexta-feira ou domingo, não fazia para ele a menor diferença, era tudo a mesma coisa; dor aguda, agonizante, sem descanso, a consciência da vida esvaindo-se inexoravelmente, mas ainda não-terminada. A implacável aproximação da sempre temida e odiada morte, sua única realidade, e ao mesmo tempo toda essa mentira. O que podiam significar dias, ou noites, semanas ou horas do dia para ele?

– Vai querer o seu chá, senhor?

“Ele quer fazer tudo direitinho e isso inclui o patrão tomar o chá da manhã,” pensou Ivan Ilitch, e recusou.

– Gostaria de passar para o sofá, senhor?

“Ele tem que arrumar o quarto e eu estou atrapalhando. Eu sou sujeira e desordem,” pensou, e disse tão-somente:

– Não. Deixe-me em paz!

O rapaz continua se movimentando, ocupado com suas tarefas. Ivan Ilitch estendeu o braço. Piotr aproximou-se, pronto a obedecer.

– O que é, senhor?

– Meu relógio.

Piotr pegou o relógio que estava por perto e alcançou-o para o patrão.

– Oito e meia. Eles já levantaram?

– Não, senhor. Só Vladimir Ivanovich (o filho de Ivan Ilitch), que foi para a escola. A madame deixou ordem para ser acordada caso o senhor precise dela. Quer que eu a acorde, senhor?

– Não, não é necessário.

Pensou se deveria tentar tomar o chá.

– Sim... traga-me o chá!

Piotr foi até a porta. A idéia de ficar sozinho encheu-o de terror. Como fazer para manter o rapaz ali um pouco mais? Ah, sim, o remédio.

– Piotr, pegue o meu remédio!

Afinal de contas, o remédio deveria lhe fazer bem. Pegou a colher e engoliu uma dose. Não, não fez efeito algum. Era tudo perda de tempo, desilusão, concluiu assim que sentiu aquele gosto desaminador tão familiar. “Não, não dá mais para acreditar nisso. Mas e a dor – por que é que eu tenho de sentir essa dor? Se ao menos parasse por algum tempo!” E deu um gemido. Piotr virou-se.

– Não foi nada. Vá. Traga-me o chá!

Piotr saiu. Ao ficar sozinho Ivan Ilitch gemeu não tanto de dor, por pior que esta fosse, mas de angústia. Sempre e para sempre a mesma coisa, sempre esses intermináveis dias e noites. Se ao menos fosse tudo mais rápido. Tudo *o quê?* A morte. A escuridão. Não, não! Tudo menos a morte!

Quando Piotr voltou com o chá em uma bandeja, Ivan Ilitch olhou-o confuso por um tempo,

tentando entender quem era aquele rapaz e o que queria. Piotr ficou desconcertado com esse olhar e seu embaraço trouxe Ivan Ilitch novamente a si.

– Ah, sim! O chá. Que bom! Ponha ali. Só ajude-me a me lavar e vestir uma camisola limpa.

E Ivan Ilitch começou a lavar-se com pausas para descansar. Lavou as mãos, depois o rosto, escovou os dentes, penteou o cabelo e olhou-se no espelho. Teve um baque com o que viu, especialmente com o pouco cabelo que grudava-se à sua pálida testa.

Enquanto trocava de camisa, pensou que ficaria ainda mais assustado ante a visão de seu corpo e evitou olhá-lo. Até que finalmente tudo terminou. Vestiu seu robe, cobriu-se com uma coberta e sentou na poltrona para beber o chá. Por um momento sentiu-se mais disposto, mas mal havia começado a beber e lá vinham de novo aquele gosto e a dor. Terminou o chá com esforço e recostou-se, esticando as pernas. Deitou-se e deixou que Piotr se fosse.

Era sempre o mesmo círculo: por um momento um breve toque de esperança e no momento seguinte um violento mar de desespero e sempre a dor, sempre sofrimento e dor novamente, incessantemente. Todo esse sofrimento solitário era terrível. Ele bem que gostaria de chamar alguém, mas sabia de antemão que, com outras pessoas no quarto com ele, seria ainda pior. “Se ao menos eu pudesse tomar mais morfina, eu perderia um pouco a consciência. Vou dizer a ele, vou dizer ao médico que ele tem de pensar em outra coisa. É impossível continuar assim, simplesmente impossível.”

Passou-se uma hora desse jeito e depois mais uma. Ouve-se a campainha da porta da frente. Seria o médico? Sim, é o médico. Saudável e com boa aparência, gordo e animado, com aquela expressão no rosto que parece dizer: “O paciente está um pouquinho nervoso, hein? Mas logo, logo vamos dar um jeito nisso”. O médico sabe que essa frase não faz sentido nesse caso, mas ele a adotou de uma vez por todas e não consegue tirá-la, como alguém que vestisse um fraque de manhã para fazer uma série de visitas.

O médico esfrega as mãos naquele seu jeito seguro e cheio de vivacidade.

– Brr... que frio! Está geando. Só deixe eu me aquecer! – diz, como se fosse apenas uma questão de esperar um ou dois segundos até que se esquentasse e então poria tudo em ordem.

– Bem, e então, como estamos?

Ivan Ilitch sentiu que o médico queria perguntar: “E então, como vai aquele probleminha?”. Mas até ele sente que seria demais e pergunta: “Como passou a noite?”.

Ivan Ilitch olha para o médico, como se dissesse: “Você nunca vai se envergonhar de mentir?”. Mas o médico não tem nenhuma vontade de entender e Ivan Ilitch diz:

– O mesmo horror de sempre. A dor não pára, não me deixa em paz. Se ao menos você pudesse me dar alguma coisa que...

– Ah... vocês doentes são todos iguais... Bem, agora acho que descongelei e nem Praskovya Fiodorovna, sempre tão exigente, acharia nada de errado com a minha temperatura. Agora já posso cumprimentar.

E aperta a mão de seu paciente e logo abandona o ar descontraído e começa com ar sério a examinar o paciente, sentindo o pulso e tirando a temperatura, auscultando-lhe e dando-lhe batidinhas.

Ivan Ilitch sabe muito bem que isso tudo não passa de fingimento, mas quando o médico, ajoelhando-se, debruça-se sobre ele, colocando o ouvido mais em cima, daqui a pouco mais

embaixo e com a expressão mais sábia executa vários movimentos de ginástica sobre ele, Ivan Ilitch submete-se a tudo como costumava submeter-se aos discursos dos advogados no Tribunal, mesmo sabendo muito bem que eles estavam mentindo o tempo todo e sabendo muito bem o porquê.

O médico ainda estava ajoelhado no sofá, escutando-o, quando se ouve o farfalhar da saia de seda de Praskovya Fiodorovna e sua voz repreendendo Piotr por não tê-la avisado da chegada do médico.

Ela entra, beija o marido e imediatamente põe-se a explicar que já está de pé há muito tempo e somente por algum mal-entendido não estava lá quando o médico chegou.

Ivan Ilitch olha para ela, examina-a da cabeça aos pés e analisa, cheio de rancor, a brancura, a suavidade e a maciez de seus braços e pescoço, seus fartos cabelos e o brilho vivo de seus olhos e detesta-a do fundo de sua alma. E quando ela o toca ele é sacudido por um espasmo de ódio.

A atitude dela em relação a ele e sua doença ainda é a mesma. Assim como o médico adotara uma linha de conduta com seu paciente que não conseguia mais abandonar, também ela escolhera uma atitude em relação a ele – a de que ele não estava fazendo algo que deveria estar fazendo e era o único culpado e ela estava amorosamente chamando sua atenção – e não podia mais mudar.

– Você viu só? Ele não me ouve, não toma o remédio na hora certa. E o que é pior, inventou agora de deitar-se em uma posição que deve fazer-lhe muito mal – com as pernas para cima.

E descreveu como ele fazia Gerassim erguer suas pernas.

O médico sorriu com um ar condescendente, que queria dizer: “O que é que se pode fazer, não é? Os doentes, você sabe, pegam às vezes manias tão estranhas, mas nós temos de perdooá-los”.

Quando o exame terminou o médico olhou para o relógio, e Praskovya anunciou a Ivan Ilitch que naturalmente ele decidiria, mas ela já havia procurado um célebre especialista que o examinaria e se reuniria depois com Mihail Danilovich (o médico da família).

– Por favor, não faça objeções. Estou fazendo isso por mim – disse cnicamente, dando a entender que estava fazendo isso por ele e só dizia o contrário para não lhe dar o direito de recusar. Ele ficou em silêncio, franzindo as sobancelhas. Sentia-se emaranhado em uma rede de tamanha falsidade que ficava difícil livrar-se do que quer que fosse.

Tudo que ela fazia para ele era inteiramente para si mesma, e ela costumava dizer a ele que estava fazendo por ela mesma o que de fato ela estava fazendo por ela mesma, como se isso fosse tão inacreditável que só pudesse significar o contrário.

E, assim, às onze e meia chegou o famoso especialista. Mais uma vez houve exames e conversas sérias, na sua presença e no quarto ao lado, sobre o rim e o apêndice. E perguntas e respostas com um ar de tamanha importância que, mais uma vez, ao invés da verdadeira questão sobre vida e morte, a única que lhe interessava, o assunto se restringia ao rim e o apêndice que não estavam se comportando como deveriam e que seriam agora atacados pelo Dr. Mihail Danilovich, mais o especialista, e forçados a entrarem nos eixos.

O célebre especialista despediu-se com expressão séria e solidária, mas pouco animadora. À tímida pergunta feita por Ivan Ilitch com os olhos cheios de medo e esperança, sobre se havia alguma chance de recuperação, respondeu que não podia garantir, mas que certamente havia

uma possibilidade. O olhar de esperança com que Ivan Ilitch observava o médico ir embora era tão patético que ao vê-lo, quando passava pelo escritório para fazer o pagamento, Praskovya começou a chorar.

A chama de esperança acesa pelo médico não durou muito. A mesma sala, os mesmos quadros, as mesmas cortinas, o papel de parede, os vidros de remédio estavam todos ali e ali estava também o mesmo dolorido e sofrido corpo. E Ivan Ilitch pôs-se a gemer de dor. Deram-lhe uma injeção subcutânea que o deixou inconsciente.

Já estava escuro quando voltou a si. Trouxeram-lhe seu jantar e ele forçou-se a engolir um pouco de caldo de carne e outra vez estava tudo igual com mais uma noite se aproximando.

Depois do jantar, às sete horas, Praskovya entrou no quarto, arrumada para sair, com seus seios exuberantes bem erguidos, o rosto coberto de pó-de-arroz. Ela lhe havia lembrado de manhã que iriam ao teatro. Sarah Bernhardt estava na cidade e eles tinham um camarote que ele mesmo fizera questão de reservar. Ele havia esquecido completamente e aquele traje dela era um insulto. Mas disfarçou a irritação ao lembrar que fora ele próprio, realmente, quem insistira em fazer a reserva porque seria um grande prazer estético e contribuiria para a educação das crianças.

Praskovya Fiodorovna entrou com um ar muito satisfeito, mas levemente culpado. Sentou-se, perguntou como ele estava, só por perguntar, como ele bem notou, e foi dizendo o que seu papel lhe exigia que dissesse: que por ela nada a faria sair, mas o camarote já havia sido reservado e Ellen e a filha iam, assim como Petrishev (o magistrado pretendente da filha), e que nem se podia cogitar deixá-los ir sozinhos. Mas, sem dúvida, ela teria preferido mil vezes sentar ali com ele um pouco, e que ele, por favor, não deixasse de seguir as ordens médicas.

– Ah, sim, Fiodr Petrovich (o pretendente) gostaria de entrar um pouco. Você se importa? E Liza também!

– Pode chamá-los!

Sua filha entrou com um vestido de noite, sua carne jovem e branca ali à mostra, enquanto que a dele o fazia sofrer tanto. Ela, ao contrário, exibia a sua: era forte, saudável, visivelmente apaixonada e naturalmente impaciente com doença, sofrimento e morte porque vinham atrapalhar sua felicidade.

Fiodr Petrovich entrou também em traje de noite, os cabelos encaracolados *à la Capoul*, seu pescoço longo e forte envolto em um colarinho branco, o peito da camisa também branco e calças pretas, justas, bem esticadas sobre as fortes coxas. Uma luva branca cobria-lhe delicadamente uma das mãos e na outra segurava um chapéu de ópera.

Atrás dele vinha, quieto, sem se fazer notar, o garoto, em seu novo traje, pobrezinho, usando luvas e com aquele horrível círculo azul embaixo dos olhos que Ivan Ilitch sabia muito bem o que significava.

Seu filho sempre lhe parecera um tanto patético e agora lhe era terrível ver aquele olhar de pena no rosto assustado do menino. Com exceção de Gerassim, Ivan Ilitch tinha a impressão de que Vassya era o único que o entendia e compadecia-se dele.

Sentaram-se todos e mais uma vez perguntaram como ele estava. Seguiu-se um silêncio. Liza perguntou para a mãe se ela estava com o binóculo e houve uma discussão entre mãe e filha sobre quem tinha ficado com ele e onde o haviam colocado, o que causou um certo mal-estar.

Fiodr Petrovich perguntou a Ivan Ilitch se ele alguma vez havia assistido Sarah Bernhardt.

Ivan Ilitch demorou um pouco para entender a pergunta mas, depois de algum tempo, disse:

– Não. Você já?

– Sim, em *Adrienne Lecouvreur*.

Praskovya Fiodorovna mencionou alguns papéis nos quais Sarah Bernhard estivera particularmente bem. A filha discordou. Começou então uma discussão acerca da graça e naturalidade de sua atuação – o tipo de assunto que aparece seguidamente e é sempre a mesma coisa, não leva a parte alguma.

No meio da conversa, Fiodr Petrovich olhou para Ivan Ilitch e emudeceu. Os outros o olharam e silenciaram. Ivan Ilitch fixava seus olhos brilhantes direto neles, obviamente furioso com todos. Alguém tinha de consertar a situação, mas não havia meio de fazê-lo. O silêncio tinha de ser quebrado, mas ninguém se atrevia a falar, com pânico de que a farsa convencional fosse subitamente desmanchada e a verdade viesse à tona para todos. Liza foi a primeira a ganhar coragem e quebrar o silêncio, mas, ao tentar encobrir o que estavam sentindo, ela os traiu.

– Bem, se nós *vamos* mesmo, já está na hora – disse, olhando para o relógio que ganhara de seu pai e, com um sorriso quase imperceptível para o jovem, aludindo a algum segredo entre eles, levantou-se, sacudindo as saias.

Todos levantaram, deram boa-noite e saíram.

Quando ficou sozinho, Ivan Ilitch notou que se sentia melhor: a falsidade havia ido embora com eles. Mas a dor continuava. Aquela dor contínua, aquele terror contínuo, fazia com que nada parecesse mais fácil ou mais difícil. Tudo sempre ficava pior.

Outra vez, minuto após minuto, hora após hora, arrastando-se sempre iguais e sempre intermináveis. E o inevitável fim de tudo tornando-se cada vez mais terrível.

– Sim, mande Gerassim aqui – respondeu a Piotr.

Quando sua esposa voltou já era bem tarde. Entrou pé ante pé, mas ele ouviu, abriu os olhos e apressou-se em fechá-los novamente. Ela queria mandar Gerassim embora e ficar ali com ele, mas ele abriu os olhos e disse-lhe que fosse embora.

– Está com muita dor?

– Como sempre.

– Tome ópio.

Ele concordou e bebeu uma dose. Ela se foi.

Até mais ou menos três da manhã ele ficou entorpecido em um sofrimento inconsciente. Tinha a impressão de que ele e a sua dor estavam sendo empurrados para dentro de um saco negro, estreito e profundo, mas, por mais força que fizessem, ainda não conseguiam empurrá-los até o fundo. E essa sensação terrível vinha acompanhada de grande agonia. Ele estava apavorado e ainda assim queria cair para dentro do saco. Debatia-se e ao mesmo tempo cooperava. E eis que então, subitamente, rompia o saco, caía e recuperava a consciência. Lá estava Gerassim, ainda sentado aos pés da cama, cochilando calma e pacientemente, enquanto ele jazia com suas pernas inúteis descansando nos ombros do rapaz. Viu a mesma vela com sua chama e sentiu a mesma dor que não lhe dava sossego.

– Vá deitar, Gerassim – sussurrou.

– Não se preocupe, senhor, vou ficar um pouco mais!

– Não. Pode ir.

Tirou suas pernas dos ombros de Gerassim, virou-se de lado e começou a sentir pena de si mesmo. Esperou até que Gerassim entrasse no outro quarto, controlou-se um pouco e pôs-se a chorar como uma criança. Chorou por sua solidão, seu desamparo, pela crueldade do ser humano, a crueldade de Deus e a ausência de Deus.

“Por que o Senhor fez isso comigo? Por que me fez chegar até esse ponto? Por quê? Por que torturar-me tão horripelantemente?”

Não tinha esperança de ser respondido, mas mesmo assim chorava por não haver resposta, por não ser possível encontrar resposta. A dor ressurgiu ainda mais forte, mas ele não fez um movimento, não chamou ninguém. Dizia apenas: “Vá em frente! Maltrate-me! Mas por quê? O que foi que eu fiz? Por que tudo isso?”.

Até que pensou e não só parou de chorar, como reteve a respiração e ficou atento: estava ouvindo, parecia, não uma voz externa, mas a voz de sua alma, ouvia as ondas de seus pensamentos que levantavam dentro dele.

“O que é que você quer?” foi a primeira coisa possível de ser traduzida em palavras que ouviu. O que você quer? O que você quer?, repetia a voz.

“O que eu quero? Parar de sofrer. Viver”, respondeu.

E novamente pôs-se a escutar com tamanha atenção que nem mesmo sua dor conseguiu distraí-lo.

“Viver. Viver como?”, perguntava a voz.

“Ora, viver como antes – viver bem, agradavelmente.”

“Como vivia antes? Bem e agradavelmente?”, indagou a voz.

E ele começou a repassar em sua imaginação os melhores momentos de sua agradável vida. Mas, estranhamente, nenhum desses melhores momentos de sua vida tão agradável agora lhe pareciam o que pareceram na época – nenhum deles, exceto as primeiras lembranças de infância. Lá na infância, havia alguma coisa realmente agradável com a qual seria possível viver, se pudesse recuperá-la. Mas a pessoa que conhecera essa felicidade já não existia; era como a lembrança de outra pessoa.

Do período que produziu o atual Ivan Ilitch para cá tudo que parecera, na época, alegria, agora se desvanecia ante seus olhos e transformava-se em alguma coisa trivial e, em alguns casos, até repugnante.

E quanto mais distanciava-se da infância e aproximava-se do presente, mais sem sentido e duvidosas eram tais alegrias. Começou na época em que era estudante de Direito. Havia ainda ali alguma coisa verdadeiramente boa – alegria, amizade, esperanças. Mas já no final do curso esses bons momentos também já estavam tornando-se mais raros. Mais tarde, durante os primeiros anos de sua carreira oficial quando trabalhava para o governador, houve outros bons momentos: a lembrança do amor por uma mulher. Depois disso tudo foi ficando confuso e havia cada vez menos coisas boas de que pudesse lembrar. Quanto mais longe ia, pior ele as achava.

Seu casamento... tão gratuito quanto o desencanto que se seguiu. E o mau hábito de sua esposa e os momentos de sensualidade e a hipocrisia! E aquela odiosa vida oficial e a preocupação com dinheiro. Um ano, dois anos, dez, vinte e sempre a mesma coisa. E quanto mais o tempo passava, mais detestável ficava. “Como se eu estivesse caindo montanha abaixo, imaginando estar subindo. E era assim mesmo. E na opinião dos outros eu estava o tempo todo subindo e todo o tempo minha vida deslizava sob meus pés. E agora acabou tudo e é hora de morrer. Mas do que se trata afinal? Por que tem de ser assim? Não pode ser que a vida seja tão detestável e sem sentido. E se é realmente tão detestável e sem sentido, por que então devo morrer e morrer nessa agonia? Há alguma coisa errada.”

“Talvez eu não tenha vivido como deveria,” ocorreu-lhe de repente. “Mas, como, se eu sempre fiz o que devia fazer?”, respondeu, imediatamente descartando essa hipótese; a solução para o enigma da vida e da morte era algo impossível de encontrar.

“Então o que você quer agora? Viver? Viver como? Viver como vivia no Tribunal, quando o oficial anunciava: 'O júri vai se reunir. O júri vai se reunir!'... O júri vai se reunir, o júri vai se reunir!”, repetiu para si mesmo. “Eis a minha sentença. Mas eu não sou culpado!”, gritava com fúria. “Para que tudo isso?” E parou de gritar, mas virando-se para a parede pôs-se a repassar a mesma pergunta: Por quê, e qual a razão de todo esse horror?

Mas por mais que se perguntasse, não conseguia encontrar a resposta. E quando ocorria-lhe pensar que tudo isso vinha do fato de não ter vivido como devia ter vivido, imediatamente lembrava em que ordem e retidão vivera sua vida e mandava embora essa estranha idéia.

Passaram-se outros quinze dias. Ivan Ilitch agora não saía mais do sofá. Não deitava mais na cama, só no sofá. E de olhos fixos na parede a maior parte do tempo, deitado, na solidão, sofria todas as inexplicáveis agonias e fazia sempre a mesma pergunta sem resposta: “O que é isto? É possível que isto seja a morte?”. E a voz interior respondia: “Sim, é possível”. “Por que toda essa agonia?” E a voz respondia: “Por nenhuma razão. É assim e pronto”. Não havia nada além disso ou ao lado disso.

A partir de sua doença, desde que fora pela primeira vez ao médico, a vida de Ivan Ilitch foi dividida em dois estados de espírito opostos que se alternavam; uma hora desespero e expectativa de uma morte terrível e incompreensível, na outra esperança e observação atenta do funcionamento de seus órgãos. Em determinados momentos pensava encontrar-se tão-somente diante de um rim ou intestino que não estavam cumprindo com suas funções, já em outras era a morte que surgia assustadora diante de seus olhos, incompreensível, implacável, da qual não havia como escapar.

Esses dois estados de espírito alternavam-se desde o começo de sua doença, mas, quanto mais a doença avançava, mais duvidosa e fantástica tornava-se a idéia do rim, e mais real a sensação de fim iminente.

Bastava-lhe recordar de como era até três meses antes e no que havia se transformado para concluir como decaía progressivamente e descartar qualquer possibilidade de esperança.

Ultimamente, na solidão em que se encontrava, deitado com o rosto virado para as costas do sofá, solidão no meio de uma cidade superpovoada e rodeado de inúmeros conhecidos – solidão mais completa do que qualquer outra, seja no fundo do mar ou no centro da Terra –, nessa assustadora solidão, Ivan Ilitch vivia somente das lembranças do passado. Um após o outro, os retratos do seu passado iam aparecendo para ele. Sempre começavam com os acontecimentos mais recentes e depois voltavam para os mais distantes, sua infância, e ali ficavam. Se pensasse, por exemplo, nas ameixas secas que lhe foram oferecidas no jantar, imediatamente seu pensamento remetia-o para as ameixas frescas francesas de sua infância, aquele gosto peculiar, e sentia a água na boca de quando desciam para pegá-las e, junto com essa lembrança do gosto de ameixas, surgia uma série de outras lembranças da mesma época – sua babá, seu irmão, seus brinquedos. “Mas não devo pensar nisso, é muito doloroso”, e Ivan Ilitch forçou-se a voltar para o presente – concentrou-se nos botões das costas do sofá e nas dobras no couro. “Couro de cabra é caro e não tem um bom efeito. Houve até uma discussão a esse respeito. Mas não; era um outro couro e outra discussão quando nós cortamos a pasta do papai e ele nos castigou e mamãe foi nos levar tortinhas de frutas.” E outra vez seus pensamentos se voltavam para a infância, novamente doíam-lhe e ele tentou afastá-los e pensar em outra coisa.

E, novamente, junto com essa cadeia de lembranças, uma outra vinha-lhe à mente – de como havia desenvolvido a doença e fora piorando. Nesse momento, também, quanto mais para trás olhasse mais vida encontrava. Houve mais coisas boas e mais vida em si, lá atrás. E as duas coisas se juntavam. “Assim como a dor piora cada vez mais, minha vida toda foi progressivamente piorando. Há um ponto de luz lá longe, no início da vida, mas, depois disso, tudo foi ficando cada vez mais negro e afastando-se cada vez mais, em proporção inversa à distância

que me separa da morte”, pensou Ivan Ilitch. E a imagem de uma pedra caindo em velocidade crescente tomou conta de sua mente. A vida, uma série de sofrimentos cada vez maiores, acelera rapidamente para o final e este final é o sofrimento mais terrível. “Eu estou caindo...” Estremeceu e fazendo um esforço tentou resistir, mas tinha consciência de que era impossível e, novamente, com os olhos cansados mas incapaz de não olhar o que estava diante de si, olhou as costas do sofá e esperou. Esperou, aguardando a qualquer momento a terrível queda, o empurrão, a destruição. “Não adianta resistir”, dizia-se. “Ainda se pelo menos eu pudesse entender para que serve tudo isso, mas é impossível. Se se pudesse dizer que eu não vivi como deveria, mas não é essa a explicação”, pensava, lembrando da obediência às leis, da retidão, da respeitabilidade de sua vida. “Que em hipótese alguma pode ser contestada,” falou para si, sorrindo ironicamente, como se alguém pudesse ver aquele sorriso e entendê-lo. “Não há explicação! Agonia, morte... Por quê?”

Outras duas semanas se passaram desse modo e durante aquela quinzena aconteceu uma coisa que Ivan Ilitch e sua esposa tanto desejavam! Petrishev pediu a mão de Liza. Na manhã seguinte Praskovya Fiodorovna entrou no quarto do marido pensando na melhor maneira de dar-lhe a notícia, mas bem naquela noite o estado de Ivan Ilitch piorara bastante. Praskovya Fiodorovna encontrou-o ainda no sofá, mas mudara de posição, estava deitado de costas, gemendo e olhando à sua frente com olhar fixo.

Praskovya começou a falar sobre seus remédios. Ele voltou a olhar na direção dela, que não conseguiu terminar o que estava dizendo de tanto rancor que via naquele olhar, que lhe era especialmente dirigido.

– Pelo amor de Deus, deixe-me morrer em paz! – disse.

Ela ia sair dali, mas naquele momento sua filha entrou para dar bom-dia. Ele olhou para a filha como olhava para a esposa e, em resposta à pergunta sobre sua saúde, disse friamente que muito em breve ele as livraria de sua presença. As duas calaram-se, esperaram um pouco e saíram.

– Por que é que ele nos acusa? – perguntou Liza para sua mãe. – É como se a culpa fosse nossa. Eu estou muito sentida por ele, mas por que ele tem de nos atormentar?

O médico chegou na hora de sempre. Ivan Ilitch respondia sim e não, sem tirar seus olhos enfurecidos de cima dele e no final disse:

– Você sabe muito bem que não pode fazer nada por mim, portanto deixe-me em paz!

– Nós podemos aliviar seu sofrimento, disse o médico.

– Nem isso vocês podem. Deixe-me!

O médico entrou na sala de visitas e disse a Praskovya que o caso era muito sério e que o único recurso que restava era o ópio, para aplacar os sofrimentos de seu marido, que deviam ser terríveis.

Era verdade, como disse o médico, que a dor física de Ivan Ilitch era terrível, mas, pior do que ela eram seus sofrimentos mentais, sua pior tortura.

Suas torturas mentais deviam-se ao fato de que, durante a noite, quando olhava para o rosto calmo, de maçãs salientes, adormecido, de Gerassim, o que lhe vinha à cabeça era: “E se na verdade toda minha vida tiver sido errada?”.

Ocorreu-lhe, pela primeira vez, o que lhe tinha parecido totalmente impossível antes – que ele não teria vivido como deveria. Veio-lhe à cabeça a idéia de que aquela sua leve inclinação para lutar contra os valores das classes altas, aqueles impulsos de rebeldia que mal se notavam e que ele havia tão bem aplacado talvez fossem a única coisa verdadeira, e o resto todo, falso. E suas obrigações profissionais e a retidão de sua vida e sua família e sua vida social tudo falso e sem sentido. Tentou defender essas coisas a seus próprios olhos e subitamente deu-se conta da fragilidade do que estava defendendo. Não havia o que defender.

“Mas se é assim”, falou para si, “e se eu estou deixando essa vida consciente de que perdi tudo o que me foi dado e não há como remediar – então, qual o sentido?” Ficou deitado e começou a repassar toda sua vida mais uma vez – de manhã, quando viu primeiro o criado, depois sua esposa, sua filha e então o médico, cada movimento que fizeram confirmava para ele

a terrível verdade. Durante a noite, olhando para eles podia ver a si mesmo – tudo aquilo por que vivera –, e viu claramente que estava tudo errado, uma horrível, monstruosa mentira camuflando vida e morte. A consciência disso aumentava seu sofrimento dez vezes mais. Ele gemia e se debatia e jogou para longe as roupas. Tinha a impressão de que elas o estavam sufocando e abafando e odiou-as por isso.

Deram-lhe uma dose grande de ópio e ele perdeu a consciência, mas na hora do jantar tudo começou outra vez. Mandou todos embora e debateu-se para tudo que é lado.

Sua esposa foi até ele e disse:

– *Jean*, meu querido, faça isso por mim! (por ela?) Não vai fazer mal nenhum e muitas vezes ajuda. Não é por nada, entenda, mesmo as pessoas sãs, freqüentemente...!

Ele abriu os olhos.

– O quê? Me confessar? Para quê? Não é necessário. Mas...

Ela caiu em prantos.

– Por favor, meu querido. Vou chamar o nosso padre. Ele é um homem tão bom...!

– Está bem!

Quando o padre chegou e tomou sua confissão, sentiu-se mais calmo e experimentou até uma espécie de alívio para suas dúvidas e, conseqüentemente, suas dores, e por um momento sentiu voltar-lhe a esperança. Novamente pensou no apêndice e na possibilidade de cura. Recebeu o sacramento com lágrimas nos olhos.

Quando eles o deitaram novamente sentiu-se melhor por algum tempo e reacendeu-se a esperança de que pudesse viver. Começou a pensar na operação que lhe haviam sugerido fazer.

“Viver – eu quero viver!”, disse para si. Sua mulher entrou para cumprimentá-lo com as palavras habituais e acrescentou:

– Você está melhor, não está?

– Sim – ele disse, sem olhar para ela.

Seu vestido, sua figura, a expressão no seu rosto, o tom de sua voz, tudo nela dizia-lhe a mesma coisa: “Errado! Tudo aquilo para o que você viveu e continua vivendo é mentira e decepção disfarçadas de vida e morte!”.

E tão logo admitia isso, a raiva voltava e com ela o sofrimento físico e a consciência do fim inevitável. A isso se somavam uma nova percepção de dor cada vez maior e uma sensação de sufocamento.

A expressão do seu rosto quando respondeu à esposa que sim, estava melhor, era terrível. Depois disso, olhou-a bem nos olhos, virou o rosto com extraordinária rapidez para o seu estado de fraqueza e gritou:

– Saia daqui. Vá embora. Deixe-me sozinho!

Do momento em que começou a gritar, Ivan Ilitch prosseguiu por mais três dias e eram gritos tão horríveis que podiam ser ouvidos de porta fechada, dois quartos adiante.

No momento em que respondeu à sua esposa deu-se conta de que estava perdido, que não havia retorno, que o fim chegara, irremediável, enquanto suas dúvidas permaneciam sem resposta.

“Oh! Oh! Oh!”, gritava em diferentes entonações. Começara gritando “Não vou”, e continuava repetindo a vogal “O”! por horas.

Por três dias inteiros, durante os quais não existia para ele a noção de tempo, lutou contra aquele buraco negro para dentro do qual estava sendo empurrado por um invisível e invencível poder. Lutou como um condenado à morte luta nas mãos do carrasco, mesmo sabendo que não há chance de salvação. E a todo momento sentia que, a despeito de toda sua luta, estava sendo empurrado para cada vez mais perto do que temia. Percebera que sua agonia devia-se tanto ao fato de estar sendo atirado naquele buraco negro quanto por ser incapaz de entrar nele totalmente, como deveria. O que o impedia de entrar nele era sua insistência em dizer que sua vida havia sido boa. Essa mesma falsa crença segurava-o e impedia-o de avançar, causando-lhe ainda mais agonia do que qualquer outra coisa.

Subitamente sentiu-se atingido no peito e no lado, tornando-se ainda mais difícil respirar. Afundou no buraco e lá no fundo dele havia uma luz. Aconteceu o que algumas vezes lhe acontecera na estrada, quando tinha a sensação de estar andando para a frente quando na verdade estava andando para trás e de repente conscientizava-se de estar na direção errada.

“Não. Estava tudo errado,” disse para si mesmo. “Mas não importa!” Ele podia agora fazer a coisa certa. “Mas o que é a coisa certa?”, indagou-se e ficou calado, sem resposta.

Isto foi no final do terceiro dia, uma hora antes de sua morte. Neste exato momento, seu filho entrara silenciosamente no quarto e se dirigira à cabeceira do pai. O moribundo ainda gritava e agitava os braços desesperadamente. Sua mão caiu sobre a cabeça do garoto, que a segurou, apertou-a em seus lábios e caiu em prantos.

Foi nesse exato momento que Ivan Ilitch caiu dentro do buraco e encontrou a luz e lhe foi revelado que sua vida não fora o que deveria ter sido, mas que ainda era possível dar um jeito. Perguntou-se o que era, afinal, a coisa certa e ficou quieto, escutando. Então, sentiu que alguém beijava sua mão. Abriu os olhos e viu seu filho. Sentiu pena dele. Sua mulher se aproximou, olhou para ela. Ela olhava-o fixamente de boca aberta, as lágrimas escorrendo no nariz e nas bochechas e uma expressão de desespero no rosto. Sentiu pena dela também.

“Sim, sou um sofrimento para eles”, pensou. “Eles lamentam um pouco, mas vai ser muito melhor para eles quando eu morrer!” Quis dizer-lhes isso, mas não tinha forças para falar. “Além do mais, para que falar? Resta-me agir”, pensou. Indicou com o olhar seu filho e disse para a mulher:

– Leve-o daqui... sinto muito por ele. Lamento por você também. – Tentou dizer “perdoe-me”, mas não conseguiu terminar e, fraco demais para tentar outra vez, acenou com a mão, sabendo que quem estivesse interessado entenderia.

E de repente ficou claro para ele que aquilo que o estava oprimindo, e que parecera não

querer deixá-lo, agora esvanecia-se por todos os lados. Sentiu-se cheio de pena por eles, deveria fazer alguma coisa para tornar-lhes isso tudo menos doloroso, libertá-los e libertar-se desse sofrimento. “Tão certo e tão simples”, pensou. “E a dor? O que foi feito da dor? Onde está você, dor?”

Pôs-se a esperar por ela. Ficou esperando.

“Sim, aqui está. Bem... e daí? Deixe que ela venha. E a morte, onde está?”

Procurou seu antigo medo da morte e não o encontrou. “Onde está? Que morte?” Não havia medo porque também não havia morte.

Em seu lugar havia luz.

“Bem, então é isso!”, exclamou em voz alta. “Que bom!”

Para ele tudo aconteceu em um único instante e a sensação daquele instante não mudou dali em diante. Para os que presenciavam sua agonia, esta durou mais duas horas. De sua garganta ainda saía um som e via-se um estranho movimento de seu corpo já sem vida. Até que a respiração ofegante e o som passaram a vir em intervalos cada vez maiores.

– Acabou! – disse alguém perto dele, o que ele repetiu dentro de sua alma.

“A morte está acabada”, disse para si mesmo. “Não existe mais.”

Respirou profundamente, parou no meio de um suspiro, esticou o corpo e morreu.

**Notas**

- [1] Whist: jogo de cartas semelhante ao bridge.
- [2] É preciso viver a juventude. (N.T.)

**LEON TOLSTOI**

(1828-1910)

No decorrer de sua longa vida, o escritor e pensador Leon Tolstoi foi autor de romances, novelas, contos, narrativas, teatro e histórias para crianças, bem como de ensaios sobre religião, arte, política, filosofia, moral e história.

Entre as muitas obras de sua autoria, podem ser citadas a trilogia autobiográfica *Infância, adolescência e juventude*; as novelas “caucasianas” *Os cossacos* e *Hadji Murat*; o romance “moralista” *A sonata de Kreutzer*; o “depoimento” *Minha confissão*; o romance-libelo *Ressurreição*; a novela “camponesa” *Polikuchka*; os *Relatos de Sebastopol*, sobre a guerra da Criméia; e as três obras-primas da literatura russa e universal: o imenso painel-afresco histórico-social do seu maior romance, *Guerra e paz*; o grande romance social e psicológico *Anna Kariênina*; e, por fim, a novela que é considerada por muitos críticos a maior da literatura mundial: *A morte de Ivan Ilitch*.